

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

Curso de Licenciatura em Filosofia

Antonio Wilson Pontes Feitosa

**A RACIONALIDADE COMO PROPOSTA DE UM NOVO MÉTODO PARA
CHEGAR À VERDADE, NAS OBRAS “DISCURSO DO MÉTODO E MEDITAÇÕES
METAFÍSICAS” DE RENÉ DESCARTES**

Teresina

2018

ANTONIO WILSON PONTES FEITOSA

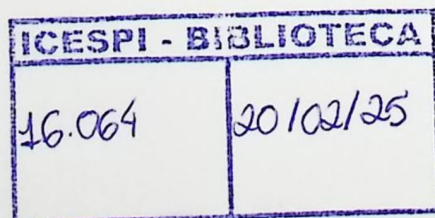
**A RACIONALIDADE COMO PROPOSTA DE UM NOVO MÉTODO PARA
CHEGAR À VERDADE, NAS OBRAS: “DISCURSO DO MÉTODO E MEDITAÇÕES
METAFÍSICAS” DE RENÉ DESCARTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Licenciado em Filosofia pelo Instituto Católico de
Estudos Superiores do Piauí.

Orientador: Prof. Me. José Iran Nobre de Sena

Teresina

2018



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Feitosa, Antonio Wilson Pontes

F311r A racionalidade como proposta de um novo método para chegar á verdade, nas obras "Discurso do Método e Meditações Metafísicas" de René Descartes. / Antonio Wilson Pontes Feitosa. - 2018.
50 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí - ICESPI, Curso de Licenciatura em Filosofia, Teresina, 2018.

Orientador : Prof. Me. José Iran Nobre de Sena

1. Método Cartesiano 2. Verdade 3. Deus 4. Descartes I. Título.

CDD – 100

Elaborado por Ana Paula Ribeiro da Silva CRB- 3/1704

Antonio Wilson Pontes Feitosa

**A RACIONALIDADE COMO PROPOSTA DE UM NOVO MÉTODO PARA
CHEGAR À VERDADE, NAS OBRAS “DISCURSO DO MÉTODO E MEDITAÇÕES
METAFÍSICAS” DE RENÉ DESCARTES**

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

Curso de Licenciatura em Filosofia

Aprovado em: ____/____/____

Banca examinadora

Prof. Me. José Iran Nobre de Sena -UFPI

Orientador

Prof.^a. Ma. Elizângela Amaral Soares Osório – ICESPI - PI

Examinadora

Prof. Ms. Pe. Genivaldo, do Nascimento Pereira -ICESPI-PI

Examinador

DEDICATÓRIA

À Paroquia Cristo Libertador, uma relação de amor e carinho.

À Arquidiocese de Teresina na pessoa do seu bispo Exmo. Rev. Dom Jacinto F. Brito Sobrinho.

Aos meus pais, base de um amor eterno.

Aos meus irmãos e amigos que comigo trilham esse belo caminho.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por estar sempre comigo numa amizade constante;

À minha família, peça fundamental que representa equilíbrio e exemplo de vida, serei eternamente grato. Mãe, seu exemplo profissional como lavradora, sua vida batalhadora me anima a seguir a diante! Pai, sei que está feliz por mim, mesmo aí no céu e olhas para este teu filho e levo teu exemplo de humildade comigo.

Aos meus irmãos: Marinalva Pontes Feitosa, Paulo Pontes Feitosa, Alciomar Pontes Feitosa e Maria Antonia Pontes Feitosa por tanto apoio e carinho.

À Arquidiocese de Teresina na pessoa do seu bispo Exmo. Rev. Dom Jacinto Furtado de Brito Sobrinho.

Ao Pe. Paulo Fernandez de Castro Rodrigues, Pe. Gonçalo Teixeira Lima e, Pe Aerton Marcos pelo exemplo de serviço e amor dedicado pela Santa igreja;

Aos amigos benfeitores do seminário que ajudam na minha formação;

Aos queridos e fiéis amigos que se fazem presentes em todos os momentos que passei em especial Daniel Rodrigues Guimarães

À Igreja do Piauí, aos meus formadores em especial Pe. Antônio Soares pelo incentivo de perseverança a conseguir minhas metas;

A todos os irmãos seminaristas. Com a convivência pude aprender muito na minha caminhada;

Aos queridos irmãos, Dave, Rafael, Miguel e Roberto que dividem comigo a alegria de convivemos na mesma casa e de vivenciarmos a serenidade do diálogo e união fraterna;

Ao meu orientador, Pref^o. Me Jose Iran Nobre de Sena, sou grato pela ajuda frutuosa na construção da monografia;

Ao meu irmão e amigo seminarista Wellington Rodrigues da Silva, que com tanta disponibilidade e dedicação corrigiu todos os textos e sempre está disponível em ajudar;

Enfim, todos àqueles que de alguma forma me ajudaram a vencer esta etapa, nos incentivos e por suas orações.

RESUMO

O presente trabalho aborda uma das questões propostas no primeiro livro da obra de René Descartes, *Discurso do Método*, a *Reflexão*. O objetivo é analisar a importância da *Reflexão* no processo de aquisição da verdade, bem como a sua relação com a *Intuição*. A *Reflexão* é apresentada como a base da *Intuição*, sendo a principal atividade da alma, segundo o filósofo. A *Reflexão* é a atividade que permite ao indivíduo alcançar a verdade, e a *Intuição* é a atividade que permite ao indivíduo alcançar a verdade. A *Reflexão* é a atividade que permite ao indivíduo alcançar a verdade, e a *Intuição* é a atividade que permite ao indivíduo alcançar a verdade. A *Reflexão* é a atividade que permite ao indivíduo alcançar a verdade, e a *Intuição* é a atividade que permite ao indivíduo alcançar a verdade.

Palavras-chave: Descartes, Método, Reflexão, Intuição.

“As maiores almas são capazes dos maiores vícios, tanto quanto das maiores virtudes, e os que só andam muito lentamente podem avançar muito mais, se seguirem sempre o caminho reto, do que aqueles que correm e dele se distanciam”.

René Descartes

RESUMO

O presente trabalho acadêmico trata do caminho proposto por Descartes para se chegar na verdade indubitável nas obras "*Discurso do Método e Meditações Metafísicas*", do filósofo francês René Descartes. Este viveu no contexto da idade média. É apresentado em forma de descrição, tendo como principal referência às obras acima citadas, a forma como Descartes propôs um novo método para se alcançar a verdade. Para tanto foram usadas também outras obras de outros autores que tratam da problemática e para auxiliar no tema. Na sequência do conteúdo, apresenta-se Deus como garantia dessa verdade, enfim a reflexão na abordagem dos princípios do conhecimento humano, apresentado na filosofia cartesiana.

Palavras chave: Descartes. Método. Verdade. Deus.

RESUMEN

Este trabajo académico presenta el camino del filósofo Descartes hacia la verdad indubitable en las siguientes obras: *Discurso del método* y *Meditaciones Metafísicas*. El filósofo francés René Descartes vivió en el contexto de la edad medieval y sus escritos son descriptivos. De acuerdo con los textos supra citados, Descartes ha propuesto un nuevo método para que se alcance conocer la verdad. Por ello, también fueron utilizadas otras obras y autores que tratan de esa problemática. En todo el contenido se presenta a Deus como garantía de la verdad. Por fin, la reflexión en el abordaje de las nociones del conocimiento humano, según la filosofía cartesiana.

Palabras clave: Descartes. Método. Verdad. Dios.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A CONSTRUÇÃO DO MÉTODO CARTESIANO	12
2.1. Rupturas com os escolásticos	14
2.2. O desenvolvimento do método	14
2.3. Regra da evidência	17
2.4. Regra da divisão	19
2.5. Regra da síntese	19
2.6. Regra da enumeração.....	26
3. A DÚVIDA HIPERBÓLICA NA BUSCA DA VERDADE	22
3.1. Os três estágios da dúvida	23
3.1.1. Argumento dos sentidos	24
3.1.2. Argumento dos sonhos	26
3.1.3. Argumento do gênio maligno	29
3.1.4. a primeira verdade alcançada através da dúvida	32
4. DEUS COMO GARANTIA DA VERDADE	35
4.1. A natureza das ideias	37
4.2. O ser perfeito como fundamento da verdade.....	40
5. CONCLUSÃO.....	47
REFERÊNCIAS	49

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da história, pode-se observar várias reflexões acerca do conhecimento. Reflexões muito importantes para a humanidade. Aqui tomaremos como ponto de partida a época da modernidade. Época na qual se destacam muitos filósofos, um deles é o filósofo René Descartes. Esse filósofo francês propõe um método que fora criado por ele mesmo, para se chegar à verdade. O objetivo geral deste trabalho é, portanto, refletir sobre o caminho proposto por Descartes para chegar à uma verdade que seja indubitável, ou seja, livre de erros.

O contexto da filosofia cartesiana surge como um sistema filosófico que deu ao conhecimento humano viabilidade na construção de um conhecimento que fosse alcançado pelo sujeito. Descartes propõe que o sujeito dotado de razão, e por meio da razão, pode chegar ao conhecimento da verdade. Por isso, ele é considerado um filósofo racionalista. Descartes apresenta a razão como meio de compreensão de si e do que está em sua volta. Para tanto, faz-se necessário um novo método para atingir o conhecimento evidentemente claro e distinto.

Por meio da dúvida ele coloca em questão todos os seus conhecimentos, não para negá-los imediatamente, mas para limpá-los aos poucos de qualquer possibilidade de dúvida. O que o filósofo francês buscava com a dúvida era chegar em uma evidência que fosse clara e distinta e que não fosse possível de ser colocada em questão. A ação de duvidar de Descartes está em colocar tudo sobre uma análise para saber o que existia. Logo, ele chega a pôr tudo que existe em dúvida, até mesmo a sua própria existência.

O período que precede Descartes é conhecido como idade média, onde o conhecimento se dá pela revelação divina, ensinada pelos escolásticos. Os escolásticos enxergavam o mundo partindo de uma determinação divina, sendo a igreja interpretadora da vontade de Deus. Neste sentido, o conhecimento se dava por um direcionamento da fé. Logo, Descartes não concordou com essas formas antigas de conhecer, pois ele viu que o conhecimento não progredia, era apenas uma transmissão de conhecimento.

Descartes não ficou apenas na crítica, mas propôs o um método que fosse capaz de garantir verdades indubitáveis. Além disso, essa transição do conhecimento se dará de uma forma sistemática. Não para negar as verdades antigas, mas para saber qual é a verdade livre de equivocadas opiniões. Para isso, Descartes ressalta a razão como direção que viabiliza o conhecimento. Sendo assim, a razão e o método adotado seriam a combinação para chegar a uma conclusão verdadeira. Precisou-se, pois, duvidar de tudo que ele acreditara, como a

existência do mundo e a sua própria existência. A dúvida se estendia até o ponto que o levasse a algo que não fosse capaz de se colocar em questão. Desta forma, Descartes chegará no “*Cogito*”. É exatamente o “penso logo existo”. Ora, se eu penso, logo eu existo. Então essa é a primeira verdade obtida pelo método, uma verdade reacional.

Resta saber o que garantiria essa verdade. Pois, na idade média era Deus que determinava o que acontecia, inclusive a organização da natureza de acordo com a sua própria vontade. Já para Descartes, Deus era o criador dessa natureza por meio de uma causalidade que é colocada para o homem. E, somente a partir do uso da razão, o homem poderia alcançar o conhecimento.

O nosso trabalho estrutura-se em três capítulos onde será aprofundado o caminho que Descartes propôs até ficar seguro do conhecimento livre de erros. No primeiro capítulo será explanado o método cartesiano em sua obra *Discurso do Método*, que é nesta obra onde ele apresenta sua proposta metódica. O método cartesiano é dividido em quatro partes: evidência, divisão, síntese e a enumeração. É esse o seguimento que Descartes apresenta como via segura que o levará ao conhecimento livre de erros. Cada uma dessas etapas é importante para ter uma conclusão no final, ou uma verdade, ou saber se existe realmente essa verdade livre de erros. Portanto, o objetivo do método é encontrar uma evidência que sustentasse todas as outras verdades que serão alcançadas.

Além disso, no capítulo segundo deste trabalho, veremos como esse método se desenvolve na prática. Sendo assim, será explanado o método utilizado por Descartes para alcançar a primeira verdade, advinda da dúvida guiada pelo método. Neste aspecto, esse assunto será trabalhado na obra *Meditações Metafísicas*, especificamente nas meditações I e II.

A investigação feita por Descartes, começa a chegar em uma verdade primeira, que segundo ele é Deus. Desta maneira, no terceiro capítulo, será abordado a garantia dessa verdade, isto é, Deus como garantia final dessa verdade. Ele argumenta que, uma vez que somos seres finitos e limitados, não podemos ser a causa de nossa própria existência. No entanto, possuímos a ideia de um ser supremo e perfeito, ou seja, Deus. Descartes sustenta que essa ideia de perfeição não pode ter sido gerada por nós mesmos, pois somos imperfeitos e finitos. Portanto, deve ter sido colocada em nossas mentes por uma fonte externa, ou seja, por Deus.

2. A CONTRUÇÃO DO MÉTODO CARTESIANO

2.1 Ruptura com os escolásticos

A filosofia racionalista, que foi iniciada por René Descartes¹, propõe um novo método para se chegar ao conhecimento da verdade. Um método que seja livre de qualquer possibilidade de dúvida, abrindo caminho para uma nova ciência do conhecimento. Para tanto, ele teve que superar os ensinamentos que outrora havia recebido e que para ele não eram confiáveis. Sobre este aspecto, diz Descartes na sua obra *Meditações Metafísicas*: “há algum tempo me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera grande quantidade de falsas opiniões como verdadeiras e que o que depois fundei sobre princípios tão mal assegurados só podia ser muito duvidoso e incerto” (DESCARTES, 2005, p.29).

Neste sentido, Descartes rejeitou a forma de se buscar o conhecimento que outrora tinha sido proposto pelos escolásticos, os quais propunham a fé, como meio para o alcance do conhecimento. Segundo os escolásticos, só poderia chegar a verdade através da fé. Essa fé é permeada pela verdade dos dogmas estipulados pela Igreja. Neste caso, o método cartesiano inaugura o surgimento da idade moderna², que partindo do método proposto pelo filósofo francês, dá total poder a razão no que diz respeito à busca do conhecimento. Desta maneira, surgirá o subjetivismo que dará novos rumos para história da humanidade.

No período em que Descartes estudou em La Flèche, colégio jesuíta, recebeu educação aristotélica e escolástica:

Fui nutrido nas letras desde minha infância, e, por me haver persuadido de que, por meio delas, se podia adquirir um conhecimento claro e seguro de tudo o que é útil à vida, sentia extraordinário desejo de aprendê-las. Mas, logo que terminei todo esse curso de estudos, ao cabo do qual se costuma ser recebido na classe dos doutos, mudei inteiramente de opinião. Pois me achava enleado em tantas dúvidas e erros que me parecia não haver obtido outro proveito, procurando instruir-me, senão o de ter descoberto cada vez mais minha ignorância (DESCARTES, 1987, p.30).

¹ René Descartes nasceu em 31 de março de 1596 em La Haye, perto de Tours, na França, filho de Joachim Descartes e Jeanne Brochard. Não se sabe muito sobre a primeira infância de René, mas supõe que foi uma criança frágil e doentia, tanto assim que, quando foi mandado para o internato no colégio jesuíta de La Flèche, na Páscoa de 1607, não era obrigado a acordar às 5 da manhã como os outros meninos para as preces matutinas.... Em La Flèche ele completou os estudos normais além do currículo filosófico com cursos nas áreas artes ‘verbais’ da gramática, retórica e dialética (lógica) e nas ‘e nas artes matemáticas’, que incluíam aritmética, música, geometria e astronomia. Os estudos foram arrematados com cursos de metafísicas, filosofia natural e ética. Formou-se ali em 1614. SKIRRY, Justin, Compreendendo Descartes, Petrópolis, RJ :Vozes, 2010

² Recebeu esse nome anos mais tarde, devido a nova forma de se fazer ciência.

Não satisfeito com os ensinamentos recebidos, ele buscou um novo alicerce para a filosofia, rompendo com a tradição medieval. Esse período medieval é marcado pela Igreja como detentora do ensino e sendo a fé que direcionava o conhecimento, ou seja, a fé que determinava o que é a verdade, não a razão. A crítica, portanto, feita por Descartes aos conhecimentos anteriores se dá de duas formas, concordando com o comentador Justin Skirry³ em seu texto introdutório de sua obra⁴, ele afirma:

Em primeiro lugar, Aristóteles e seus seguidores acreditavam que todo conhecimento deve vir das sensações, de modo que alguém deve ver, ouvir, tocar, sentir o gosto ou cheiro de alguma coisa antes de compreendê-la. Descartes rompeu com essa tradição ao argumentar que as coisas imateriais, isto é, não perceptíveis pelos sentidos, tais como a alma e Deus, são bem conhecidas do que as coisas materiais ou sensíveis. Também rompeu com esse aspecto da doutrina tradicional ao endossar a existência das ideias inatas, que não derivam das sensações, sendo implantadas na mente por Deus [...]. O Segundo ponto de partida de Descartes foi com relação aos modelos de explicação científica. Aristóteles e seus seguidores escolásticos tentaram explicar os fenômenos físicos pelos poderes que as coisas possuem⁵ (SKIRRY, 2010, p.13-14).

Portanto, ele percebe a importância de desenvolver um novo método que superasse o antigo modo de conhecer. Esse método cartesiano consiste em duvidar de tudo, até que não reste mais dúvida para chegar em uma verdade que seja indubitável. É um método livre de opiniões. É a partir dessa verdade que ele vai construir sua filosofia. Descartes inaugura uma nova forma de chegar ao conhecimento, tendo como alicerce a razão, criando a partir daí o subjetivismo⁶ que superou os ensinamentos escolásticos com o seu objetivismo⁷.

Então Descartes percebe a importância de não se prender a esses tipos de ensinamentos que são apenas reproduzidos. Há, pois, um passo importante a ser dado por Descartes, que está ligado a suspensão do juízo, neste aspecto ele afirma: “Agora, pois, que meu espírito está livre de todos os cuidados, e que me proporcionei um repouso assegurado numa aprazível solidão, aplicar-me-ei seriamente e com liberdade a destruir em geral todas as

³ Justin Skirry é professor assistente de filosofia na Universidade Wesleyana de Lincoln, Nebraska, EUA. Publicou monografias *Journal of the History of Philosophy*, no *Quarterly* e outros periódicos acadêmicos. É autor de *Descartes and the Metaphysics of Human Nature*, editado pela Continuum, 2005. *idem*

⁴ SKIRRY, Justin, *Compreendendo Descartes*, Petrópolis, RJ :Vozes, 2010

⁵ Cf. *idem*.

⁶ O subjetivismo... tenta ancorar o conhecimento humano no sujeito. Cf (HESSEN 2003 p.72)

⁷ Segundo o objetivismo, o elemento decisivo na relação de conhecimento é o objeto. O objeto determina o sujeito... O sujeito, de certo modo, incorpora, copia as determinações do sujeito. Cf (HESSEN 2003 p.70)

minhas antigas opiniões”⁸ (DESCARTES, 2005, p.30). Ou seja, desconsiderar tudo que foi ensinado até agora e começar uma nova forma de filosofar, tendo agora um método que seja capaz de garantir a veracidade e que não manifeste dúvida.

Descartes não quer impor seu método, mas demonstrar como ele reformula o seu modo de conhecer, como escreve no *Discurso do Método*:

Nunca o intento foi além de procurar reformar meus próprios pensamentos e construir num terreno que é todo meu. De modo que, Se minha obra me agradou bastante eu vos mostro aqui o modelo, nem por isso quero aconselhar que alguém a imita-lo. Aqueles a quem Deus melhor partilhou suas alimentarão talvez desígnios mais elevados; mas temo bastante que já este seja ousado demais para muitos (DESCARTES, 1987, p.36).

Ao romper com os ensinamentos antigos, Descartes não quer fazer uma reforma em todo o corpo da ciência ou do próprio estado ou ainda o que se segue nas escolas, pois não haveria necessidade de destruir tudo só para começar uma nova ciência. Em outras palavras, destruir uma cidade só para concertar as ruas, não faria tanto sentido. Será as opiniões o seu alvo, elas o farão desconsiderá-las pelo fato de as mesmas levá-lo ao erro. Então, ou elas, as opiniões, seriam negadas pelo método ou seriam lapidadas, sem os exageros para poder se encaixar na razão, para se tornarem seguras. Esse seria o meio pelo qual Descartes bem conduziria sua razão ao conhecimento verdadeiro.

2.2 A construção do método

Descartes procura constituir um método que seja livre de falhas e que qualquer homem possa ser conduzido a verdade através dele. Portanto, o método é o caminho seguro e mais infalível para se chegar ao conhecimento da verdade. O uso do método será imprescindivelmente conduzido pela razão, sendo ele capaz de construir monumento do conhecimento sobre bases fortes, sólidas que nem uma opinião fosse capaz de derrubá-la. Esse método proposto por Descartes se volta para busca incessante da verdade, sendo esse uma operação racional. É também livre, podendo ser uma operação desempenhada por qualquer um, chegando numa verdade que seja indubitável. Neste caso, a razão é o centro da

⁸ Opinião para Descartes é tudo que vem de fora, ou seja, do mundo exterior.

filosofia de Descartes, no *Discurso do Método*⁹ ele afirma o porquê da importância da razão na busca da verdade:

O bom senso é a coisa do mundo melhor partilhada: pois cada qual pensa estar tão bem-provido dele, que mesmo os que são mais difíceis de contentar em qualquer outra coisa não costumam desejar tê-lo mais do que o têm. E não é verossímil que todos se enganem a tal ponto; mas, isso antes testemunha que o poder de bem-julgar e distinguir o verdadeiro do falso, que é propriamente o que se denomina o bom-senso ou a razão, é naturalmente igual a todos os homens; e, destarte, que a diversidade de nossas opiniões não provém do fato de serem uns mais racionais que os outros, mas somente de conduzimos nossos pensamentos por vias diversas e não consideramos as mesmas coisas. Pois não é suficiente ter o espírito bom, o principal é aplicá-lo bem (DESCARTES, 1987, p.30).

A razão é apresentada como universal, ou seja, natural a todos os homens. Sendo assim, todos são capazes de bem julgar e distinguir o verdadeiro do falso. Consequentemente, o método proposto por Descartes é fazer o exercício racional que consiste em voltar-se para o seu interior a fim de buscar no seu próprio raciocínio os rudimentos capazes de tornar algum conhecimento verdadeiro. Portanto, ao idealizar esse método, Descartes coloca à razão total capacidade e credibilidade para chegar à verdade.

A dúvida metódica não é causada pela experiência¹⁰, logo, ela parte de uma vontade própria do indivíduo (Descartes) em conhecer, é um olhar intrínseco, que é motivado pela busca de algo verdadeiro, tendo como o objetivo a restauração do saber firme que seja certo, o método para se alcançar esse conhecimento é chamado de dúvida metódica e tendo como critério a rejeição de tudo que possa conter a menor dúvida, e a rejeição de todas as minhas antigas opiniões. Sobre a dúvida metódica, assim expressa Enéias Forlin¹¹, quando diz:

A dúvida metódica surge, assim, como um instrumento para a rejeição de todas as minhas antigas opiniões. Não se trata de uma rejeição pela rejeição, isto é, de uma simples decisão de rejeitar (o que é muito pouco) e nem uma

⁹ Em 1637, publica *Discurso do método*, obra inaugural da filosofia moderna, escrita em língua vulgar, isto é, francês. Naquela época, as obras filosóficas eram escritas em latim e estavam voltadas para um público "douto", constituído do círculo exclusivos de iniciadores às questões propriamente filosóficas. Cf; DESCARTES, René. *Discurso do método*, traduzido por Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2013

¹⁰ Está se referindo aos modelos naturalistas, como bacon, hobbies, Locke etc.

¹¹ É doutor em Filosofia pela USP, onde defendeu tese sobre a teoria cartesiana da verdade. Atualmente desenvolve pesquisa de pós-doutorado junto ao projeto temático do Grupo de estudos do século XVII, no Departamento de filosofia da USP. Possui vários trabalhos publicados e em fase de publicações sobre Descartes.

rejeição pela prova cabal de que todas elas são falsas (o que ultrapassa todas as nossas forças): trata-se simplesmente de uma rejeição pela dúvida. Do ponto de vista estritamente lógico, apenas se pode garantir a verdade para o que é necessário; o possível e mesmo o provável (não importa qual o grau) é sempre passível de dúvida (FORLIN, 2004, p.18).

Então, é daqui que se origina a dúvida metódica, segundo o comentador Forlin, ela se mostra como ferramenta para abstenção de todas as opiniões que trago. Não é rejeição simplesmente por rejeição, ou ainda uma atitude orgulhosa, mas em prol da dúvida que é o método para chegar ao conhecimento da verdade. Quanto ao caráter hiperbólico¹² da dúvida, o seu intuito não é provar que algo seja falso, tão pouco é uma dúvida espontânea, mas seguir um rigor de forma lógica da necessidade de uma dúvida extrema para se chegar no objetivo final da dúvida, ou seja, a razão.

Por conseguinte, a dúvida metódica proposta por Descartes é de um caráter voluntário e hiperbólico. Pois segue um método e tem um objetivo a ser alcançado. Logo essa dúvida deve seguir uma ordem. Forlin apresenta claramente essa ordem:

A dúvida metódica vai então se aplicar primeiramente ao conhecimento sensível e depois ao conhecimento matemático, seguindo uma ordem de generalização crescente que parte da rejeição das nossas opiniões sobre qualidades das coisas exteriores, passa pela rejeição das opiniões sobre a própria existência das coisas exteriores e, finalmente, atinge a rejeição de nossas opiniões sobre a verdade de coisas universais como a extensão, a figura, a quantidade ou grandeza, o número, o tempo, o movimento etc (FORLIN, 2004, p.21).

Essa ordem parte do mais embaraçado para o mais entendível. Neste sentido, ela vai enfrentar por primeiro as percepções sensíveis. Em seguida, os fundamentos mais simples até finalmente chegar aos fundamentos mais simples ainda, que por sua vez são as figuras e número. Portanto, ele vai colocar em dúvida tudo que possivelmente possa existir, como por exemplo: Deus, o mundo, o corpo e a sua própria existência. Nada fica de fora do crivo racional de Descartes. Vale ressaltar que essa dúvida não é ilimitada, ela vai cessar em algum momento e quando este momento chegar será o encontro com a verdade tão desejada por Descartes. A função, pois, do método cartesiano¹³ é levar o sujeito por vias seguras, eliminando tudo que possa deixar a menor dúvida possível.

¹² Exagerado, extremo. Quanto ao caráter hiperbólico, este será tratado no segundo capítulo, do presente trabalho, de forma mais ampla.

¹³ Renatus Cartesius é o nome latino de René Descartes.

A vida de Descarte é sem dúvida marcada por uma busca incessante de um conhecimento verdadeiro, de modo que construiu seu próprio método. Essa busca, embora obsessiva, foi levada com prudência por Descartes:

Mas, como um homem que caminha só e nas trevas, resolvi ir tão lentamente, e usar de tanta circunspecção em todas as coisas, que, mesmo se avançasse muito pouco, evitaria pelo menos cair. Não quis começar rejeitando inteiramente qualquer das opiniões que porventura se insinuaram outrora em minha confiança, sem que aí fossem introduzidas, pela razão, antes de despendar bastante tempo ao elaborar o projeto da obra que ia empreender, e em procurar o verdadeiro método para chegar ao conhecimento de todas as coisas de que meu espírito fosse capaz (DESCARTES, 1987, p.36-37).

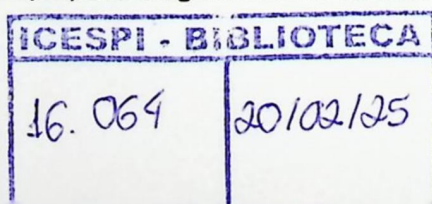
Ele tinha um desejo de alcançar a verdade, e esse desejo o fez desenvolver um método que constitui quatro regras que o guiou no caminho que o levaria a uma verdade segura e limpa de opiniões, logo essas regras devem ser observadas a todo custo, deve ser colocadas em prática pela suspensão do juízo¹⁴. As regras propostas por Descartes são: regra da evidência, regra da análise, regra da síntese e regra da enumeração. Essas são as regras de cunho dedutivo para um bom conhecimento, limpo de qualquer opção que conduz ao erro. Então, esse é o caminho que Descartes encontrou para bem conduzir a razão e assim distinguir o verdadeiro do falso, o bem e do mal.

2.3 Regra da Evidência

A primeira etapa consiste na dúvida metódica que será aplicada a ideias que, embora sejam cheias de veracidade, não se tem garantia de uma verdade indubitável. Daí o uso do método conduzido pelas evidências.

Esta regra, sendo ela a primeira e também a última, torna-se o ponto de partida e o ponto de chegada. É justamente pelo fato de se buscar uma evidência livre de todos os erros que podemos afirmar que Descartes a entente como caminho para o alcance da verdade. Para ele, através do seu método podemos chegar ao que chamamos de evidência concreta. A característica da evidência consiste no princípio de separação daquilo que é enganoso com aquilo que é verdadeiro, e o que garantirá isso é a suspensão do juízo. Para Descartes, essa regra deve ser exigente quanto aquilo que se pensa conhecer, pois qualquer coisa que manifestasse erro deveria ser descartada. Na evidência só poderia passar para próxima etapa

¹⁴ "...afastando-me de tudo aquilo em que possa imaginar a menor dúvida..." Cf. DESCARTES 2005, p.41



se o princípio que se apresentasse fosse claro e distinto. Assim afirma Descartes na sua obra *Discurso do Método*:

O primeiro era o de jamais acolher alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal: isto é, evitar cuidadosamente a precipitação¹⁵ e a prevenção, e de nada incluir em meus juízos que não se apresentasse tão clara e distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida (DESCARTES, 1987, p.37).

Ora, Descartes havia criticado os antigos pelo seu método de conhecer que os levava por caminhos inseguros e cheias de falhas, logo não poderia cometer o mesmo erro, e por isso justifica a rigor da primeira regra do método. “Devo, pois, jamais aceitar qualquer juízo que não fosse de fato evidente, aponto de ser claro e distinto”. Essa regra elimina qualquer proposição que contenha falhas, dúvidas. A evidência se torna como que uma peneira, onde só passa o que não reste a menor dúvida. Portanto, a evidência é o processo racional que, fazendo uso da suspensão do juízo, Descartes utiliza para chegar a verdade. Consequentemente, é a parte principal no exercício racional da dúvida. Aqui é onde Descartes colocar em prática seu método, tendo a dúvida metódica como necessária para a construção das evidências claras e distintas, logo, não é uma dúvida que inviabiliza o conhecer, como outrora disseram os céticos¹⁶, mas é uma dúvida que permite excluir as falhas e assim ter uma verdade livre, e por assim dizer chegar a uma verdade. Neste caso, para se ter uma evidência não se deve tomar nada como verdade sem antes passar pelo método. O método é indispensável para a conquista da verdade almejada.

Além disso, o ato que Descartes usa para chegar a evidência é o ato da intuição¹⁷. “A intuição cartesiana consiste, pois, num “olhar” ou “contemplação mental, intelectual. Isto vai implicar é que há algumas verdades que a mente pode intuir sem a mediação de outra coisa” (CLÁUDIO, 2010, p. 23). A mente pode independentemente de qualquer conhecimento anterior, por isso a suspensão do juízo, usando apenas a luz da razão, a mente agora é clara e, portanto, é capaz de clarear as verdades. Um outro aspecto que se deve notar, segundo Cláudio Skirry é que a intuição da verdade é indubitável como ele argumenta na obra *Compreendendo Descartes*:

¹⁵ A precipitação, traduz-se em julgar antes de conhecer de ter uma evidência.

¹⁶ O ceticismo pode ser definido como uma posição filosófica crítica, que colocava em questão a validade de de nossas pretensões de conhecimento; um cético é uma pessoa que põe em dúvida coisas que habitualmente supomos conhecer. Podemos classificar o ceticismo quanto a força da dúvida cética e quanto a sua abrangência. Cf CLÁUDIO 2002, p.67

¹⁷ Idem. “Intuir” é a tradução do latim *intueri*, que significa apenas “olhar ou contemplar.

Agora clara luz da razão fornece essa intuição, de modo que é impossível a quem quer que a tenha de duvidar de sua verdade. Se alguém dela duvidasse, seria porque sua luz natural de algum modo estaria escurecida, quer por um método atravancado, quer por um preconceito anterior (CLÁUDIO, 2010, p.24).

Ao obter a evidência, o próximo passo será a divisão dos elementos, para assim serem melhor analisados.

2.4 Regra da Divisão

A segunda regra é a da divisão, ou seja, dividir em quantas partes necessária, até que tenha extinguido toda dúvida, então, tudo aquilo que não é bem claro para o entendimento deve ser averiguado, para assim facilitar a análise e logo poder resolver da melhor forma possível a questão trabalhada. “Pois tal divisão deveria ser por classes de coisas, tendo em vista a impraticabilidade e, em alguns casos, a impossibilidade de examinar cada item individualmente” (SKIRRY, 2010, p.30). Aqui volta-se para a evidência, pois pegando o que é considerado difícil e dividindo em tantas partes para depois analisar o que é verdadeiro e o que é falso. No *Discurso do Método* ele apresenta a segunda etapa afirmando: “O segundo, dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias para melhor resolvê-las” (DESCARTES, 1987, p.37-38). A importância desta etapa consiste em dividir, tudo que for considerado obscuro, em muitas partes simples, pois sendo a razão o centro maior do método, quando se deparar com tal realidade simplificada terá melhores condições de resolvê-los do que se deparar com algo obscuro e em seu todo, como por exemplo: para se estudar uma árvore não se deve pegá-la na sua totalidade, mas dividi-la para facilitar a compreensão e depois de estudadas as partes compreender o todo.

2.5 Regra da Síntese

A terceira parte será de conduzir em ordem todos pensamentos, logo tendo sido eles simplificados, deve, portanto, seguir uma ordem da qual volta-se para o complexo sem desvios que poderia prejudicar a verdade que se almeja alcançar. Descartes comenta sobre essa regra da seguinte forma:

O terceiro, o de conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir, pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e supondo mesmo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros (DESCARTES, 1987, p.38).

A proposta do método para Descartes pressupõe uma organização lógica das ideias que vão sendo processadas pelo método, nas devem ser ordenadas e assim analisadas. Há, portanto, uma implantação de uma ordem lógica com essa regra. No “regra três” tem-se a divisão, então será nesta a recomposição dos elementos e assim cria-se raciocínios em sequência. Desta forma, essa regra vai tratar de criar uma ordem que levará do mais simples ao mais complexo, criando a partir daí uma série de raciocínios e que não deva deixar de ter alguma relação com a realidade.

2.6 Regra da Enumeração

Como última etapa do método a enumeração fica responsável pela revisão das evidências e retoma repetidas vezes uma por uma, para que não haja nenhuma omissão, para que tais contribuições quanto as contestações de tudo sejam analisadas e assim sejam lavadas em consideração. Esse processo de enumeração se dá da seguinte forma segundo Descartes: “E o último, o de fazer em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir” (DESCARTES, 1987, p.38). O que Descartes almeja com essa regra era não deixar que nada ficasse sem ser analisado, por isso a preocupação em revisar tudo para que nada seja esquecido, como afirma Skirry:

A questão é examinar metodicamente todos os caminhos possíveis para alcançar a resposta correta de qualquer problema, o que implica ordenar todos os elementos pertinentes ao problema, de modo a assegurar que nada foi inadvertidamente descurado (SKIRRY, 2010, p.29-30).

Portanto, chega-se a conclusão do método que Descartes havia construído sobre o alicerce da razão.

Esse é o método proposto por Descartes para se chegar a verdade. Ao estabelecer este método Descartes coloca na razão total capacidade de chegar a verdade distinguindo do que é falso. A finalidade do método consiste em conduzir a razão por caminhos, que segundo ele, são seguros e vai contra qualquer tipo de falha. Aqui se destaca a ousadia de Descartes, pois ele propõe caminhos diferentes do que se tinha anteriormente e não mais os sentidos através da experiência, muito menos pela revelação divina, mas o homem, com o exercício da razão¹⁸ agora pode chegar ao conhecimento, partindo de um método. Sendo assim, agora o sujeito

¹⁸ Para Descartes Razão é, portanto, a coisa melhor distribuída entre os homens e é por ela que o homem chega a verdade. Por isso que Descartes é considerado o pai do racionalismo. O conceito de racionalismo é, segundo Hessen: “... (de *ratio*, razão) o ponto de vista epistemológico que enxerga no pensamento, na razão, a principal fonte de conhecimento humano.” Cf (HESSEN 2003 p.48)

tem autonomia na busca da verdade e pode assim conhecer se ele assim for bem conduzido pela razão, aponto de conhecer se teria ou não alguma verdade que seja indubitável.

Portanto, neste capítulo foi apresentado a construção do método por Descartes. O próximo passo será a apresentação da prática, colocando o método à prova. No próximo capítulo será apresentado a dúvida hiperbólica, onde a dúvida será lançada de forma generalizada e sem restrição. Essa dúvida hiperbólica segundo Skirry é a “bola de ferro demolidora com que derruba todo seu sistema de crenças” (SIRRY, 2010, p.40), onde nada ficará no caminho da dúvida extrema, exceto a verdade do “eu”.

3.0 A DÚVIDA HIPERBÓLICA NA BUSCA DA VERDADE.

No capítulo anterior foi argumentado que Descartes desenvolveu um método para guiar através da razão a busca do conhecimento. Um conhecimento que fosse indubitável, a fim de escapar de qualquer opinião parecida com aquelas que ele aprendeu com os medievais. Pois os ensinamentos por eles ministrados não eram capazes de gerar novos conhecimentos, mas apenas reproduzir o que se foi ensinado. Neste caso, não satisfeito ele desenvolveu um método capaz de lhe garantir essa veracidade. Esse método consiste em quatro regras¹⁹, a saber: a evidência, a divisão, a síntese e a revisão, essas etapas são de suma importância para se chegar a verdade livre de qualquer dúvida²⁰. O passo seguinte é demonstrar como o método funciona na construção da verdade.

De acordo com Skirry, “um passo adiante é dado com a declaração de que tais crenças duvidosas serão consideradas falsas. Então, o passo seguinte no processo é determinar quais de suas crenças são duvidosas e quais são absolutamente certas” (2010, p. 41). Pois a dúvida agora será usada para destruir as crenças que serão consideradas falsas e validar as que forem consideradas verdadeiras. Aqui Descartes não planeja averiguar todas as opiniões uma por uma, para assim concluir essa tarefa, como explica ele mesmo na sua obra *Meditações metafísicas*:

Ora, não será necessário, para atingir esse desígnio, provar que são todas falsas, o que talvez nunca levasse a cabo; mas, visto que a razão já me persuade de que não devo menos cuidadosamente impedir-me de crer nas coisas que não são inteiramente certas e indubitáveis do que naquelas que nos parecem manifestamente ser falsas, o menor motivo de dúvida que aí encontrar bastará para fazer-me rejeitar todas (DESCARTES, 2005, p.30).

Pois os próprios fundamentos dessas falsas crenças fazem com que elas caiam em ruínas, não havendo necessidade de fazer uma análise de todas essas falsas opiniões o que levaria muito tempo, como afirma Forlin:

E eis aqui o famoso princípio da dúvida radical apresentando-se como a “pedra-de-toque” que irá pôr em marcha o processo da dúvida. O que podemos observar, primeiramente, é que ele serve para contornar um obstáculo de ordem prática, na medida em que o exame particular de cada opinião seria uma tarefa infinita. O mais importante, porém, é observar que um tal princípio funciona aqui como um princípio lógico da simplicidade, isto é, mesmo que a tarefa de submeter ao exame cada opinião fosse factível,

¹⁹ Cf. capítulo anterior.

²⁰ Cf. Forlin 2004 p. 32

ela seria desnecessária: a ruína dos alicerces é a ruína do edifício (FORLIN, 2005 p.49).

Logo, seria muito mais lógico e prático aplicar esse método em duas classes, que seriam os que correspondem aos conhecimentos, dadas pelas sensações e pelo raciocínio matemático, e assim ter uma explicação de como as pessoas poderiam ter crenças que são consideradas verdadeiras, mas que na verdade são falsas:

Na verdade, de acordo com a regra 4 do *discurso*, ele enumera suas crenças em duas categorias- as que se baseiam nas sensações e as que se baseiam no raciocínio matemático- e prossegue então para mostrar como cada grupo apoia-se em fundamento duvidosos (SKIRRY, 2010, p. 41).

O próximo passo a ser dado por Descartes, tendo agora o seu método próprio, é de desmascarar tudo que for duvidoso e por que se deve duvidar de cada categoria como fala Skirry. Ora, aqui será explicitado o porquê da dúvida hiperbólica e do que se pode duvidar. É relevante salientar que cada estágio remete ao outro até chegar em um ponto que será fundamental na primeira proposição encontrada por Descartes, partindo da dúvida exagerada.

3.1 Os três estágios da dúvida

Descarte apresenta três hipóteses, onde ele vai procurar analisar cada argumento, cada possibilidade a fim de não cometer erros ou deixar algum traço de dúvida, ou seja, agora será feita a aplicação do método. O motivo pelo qual Descartes quer averiguar se o que ele já traz de conhecimento que outrora foi ensinado pela tradição, se realmente são seguros e se posso confiar neles, como diz no início da sua obra *Meditações Metafísicas*:

Há algum tempo me percebi de que, desde meus primeiros anos, recebera grande quantidade de falsas opiniões como verdadeiras e que o que depois fundei sobre princípios tão mal assegurados só podia ser muito duvidoso e incerto; de forma que me era preciso empreender seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões que até então aceitara em minha crença e começa tudo de novo desde os fundamentos, se quisesse estabelecer algo firme e constante nas ciências (DESCARTES, 2005 p.29).

Aqui Descartes deixa claro o real sentido de querer duvidar dessas opiniões que estão a limitar o homem de crescer no conhecimento, pois caminhar em vias duvidosas só pode levar ao erro. Se esses conhecimentos não são capazes de fazer o homem seguir firme na busca de uma nova ciência, então precisam ser destruídos. Eis o motivo pelo qual Descartes propõe essa dúvida exacerbado! Logo o ato de duvidar de Descartes consiste em garantir um

caminho livre de erros. Contudo, Descartes precisa se desprender de todas essas opiniões para então colocar o método em ação²¹.

É pertinente ressaltar que a dúvida, como método cartesiano, exige disciplina²² na suspensão do juízo e exercício mental constante. Por isso, Descartes toma como caminho exigente, onde cada vez mais, a dúvida toma espaço nas suas reflexões. Os três estágios que Descartes apresenta nas *Meditações Metafísicas*, explica por que a dúvida se faz importante na busca do conhecer indubitável²³, pois o que vai garantir essa verdade vai ser o que fica claro e distinto após passar pelo crivo da dúvida. Os três estágios são: o estágio dos sentidos, o estágio dos sonhos e o estágio do gênio maligno.

3.1.1 Argumento dos sentidos

Os sentidos, se tornam a primeira aplicação da regra da evidência, então, Descartes irá explicar por que os sentidos não são capazes de fornecer segurança:

O argumento é de que algumas coisas que os sentidos apresentam como bem pequenas são na verdade bem grandes. Apenas aparecem pequenas porque estão sendo vistas à distância. Portanto, não podemos confiar nos sentidos, porque não é prudente confiar em alguém que nos iludiu mesmo uma só vez (SKIRRY, 2010, p.42).

Eis o motivo pelo qual Descartes não deve confiar nos sentidos, pois seu aspecto fraudulento não garante uma segurança. Os conhecimentos que tiveram como base os sentidos não podem ser tidos como verdadeiros, pois neles mesmos encontram-se o peso da própria falsidade. Logo, os sentidos não serão aceitos pela lógica cartesiana como fonte de conhecimento, como ele mesmo diz nas *Meditações Metafísicas*:

Tudo o que recebi até o presente como mais verdadeiro e seguro, aprendi-o dos sentidos ou pelos sentidos; ora algumas vezes experimentei que tais sentidos eram enganadores, e é de prudência jamais confiar neles inteiramente naqueles que uma vez nos enganaram (DESCARTES, 2005, p. 31).

²¹ Cf. *Meditações Metafísicas* 2005 p.30

²² "A dúvida metódica, como insiste Descartes, deve ser vivenciada e não apenas fingida. Não basta, então, apenas estabelecer no direito a dúvida universal, mas é necessária também a vivenciar". Cf. FORLIN 2004 p.28

²³

A desconfiança se dá, sobretudo, na percepção do mundo externo, na forma como os nossos órgãos, que são responsáveis por essa função no nosso corpo, recebe essas informações e não garante se posso ou não confiar nessa informação que recebo, por exemplo: o sol, os meus sentidos me asseguram que o tamanho dele se limita na proporção que chega aos meus olhos, ou seja, os sentidos não são capazes de me assegurar o tamanho verdadeiro do sol. Ou ainda, um certo homem, estando ele no décimo sexto andar de um prédio, observa que um carro estacionado no início da rua é bem menor que o seu tamanho original. Isso ocorre devido a distância entre o homem que observa e o objeto observável. Então, se os sentidos, no caso o da visão, não são capazes de nos garantir uma verdade clara e distinta, logo, não haverá confiança suficiente, já que um dos critérios do método cartesiano é que não se deve confiar em nada que não garanta a verdade.

Neste caso, os sentidos não nos garante essa segurança. Portanto, não se deve atribuí-los tamanha importância. Mas também devemos ter clareza de que embora os sentidos sejam passíveis de dúvidas, existem alguns aspectos que não podem ser colocados em nível de questionamento. Assim afirma Descartes:

Mas, ainda que os sentidos nos enganem algumas vezes no tocante às coisas pouco sensíveis e muito distante, talvez se encontrem muitas outras, das quais não se pode razoavelmente duvidar, conquanto as conheçamos por meio deles: por exemplo, que estou aqui, sentado perto do fogo, vestido com um roupão, com este papel entre as mãos, e outras coisas dessas natureza. E como é que poderia negar que estas mãos e este corpo sejam meus? (DESCARTES 2005, p.31)

Para Descartes²⁴, a verdade clara e distinta é aquela que não contém nem um rastro de dúvida. Contudo, se não posso confiar nos meus sentidos como poderia negar-me que esteja me vendo, ou que tenho um corpo, ou ainda que exista o mundo exterior? Mesmo os sentidos tendo essa falha, existem coisas que não podemos negar de forma tão radical, pois é uma desconfiança do que se é experimentado pelos sentidos, como diz Skirry: “Assim a inconfiabilidade dos sentidos não põe em dúvida nossas crenças baseadas na percepção sensorial imediata do que acontece bem aqui e agora” (2010, p.42). Ou seja, como vou duvidar de que estou aqui sentado, Observando a mim mesmo? Há não ser que seja um perturbado do juízo como o próprio Descartes coloca: “A não ser, talvez, que me compare

²⁴ A escolha dos exemplos se insere na melhor situação possível tomando pelo meditador: recolhido em seus aposentos, em contato consigo, com suas mãos e seu corpo próprio, a partir dos quais sente e interage com o mundo exterior (os papéis, o calor do fogo etc.). trata-se aqui, portanto, de uma referência a um modo de consciência de si dependente do corpo, e da relação deste com o mundo. Cf. LEISON 2012 p. 82

com aqueles insensatos cujo cérebro é de tal maneira perturbado e ofuscado pelos negros vapores da bÍlis que asseguram constantemente reis quando paupérrimos, que estão vestido de ouro e purpura, quando estão todos nus...” (DESCARTES, 2005, p.31-32).

Ele confirma, então, que as opiniões²⁵ e os sentidos podem nos oferecer, através das percepções, aspectos não totalmente dotadas de erros. Mas quando se trata do próprio sujeito é preciso então averiguar se não há engano, aqui o método cartesiano se torna transparente partindo de evidências. A partir daí faz uma análise profunda. Assim confirma a evolução da dúvida hiperbólica.

Essa, portanto, é a base para o próximo argumento cartesiano. Os sentidos, tendo fundamentos falsos e sendo um gerador de dúvidas, Descartes não lhe dá grande importância. Logo, ele terá uma nova base para refletir. Refletirá sobre os sonhos, pois ele suporá que já que os sentidos nos deixam essa lacuna, então poderia ser um sonho tudo que esteja vendo e sentindo.

3.1.2 Argumentos dos sonhos

Já que os sentidos fornecem as crenças pelas percepções e sendo elas duvidosas, embora existam algumas que não se pode colocar em dúvida a menos que esteja louco²⁶, então Descartes eleva o grau da dúvida. Agora ele suporá o argumento dos sonhos. Esse argumento é muito importante, como ressalta Maria de Sousa:²⁷ “a princípio, é um argumento cético que coloca em dúvida as percepções dos sentidos ou o conhecimento que podemos ter das coisas²⁸.” Que embora já tenha sido discutido por outros pensadores como: Platão, Sexto Empírico e outro, é em Descartes que esse argumento ganha em proporção, pois será possível colocar em questão a existência do mundo exterior. Para refletir sobre os sonhos ele apresenta a seguinte afirmação:

²⁵ Cf. Forlin 2004 p. 51

²⁶ No primeiro passo caso Descartes mostra que considerando que o meditador se engane sempre pelos sentidos o mesmo deveria ser comparado com um insensato, mas como os sentidos na maior parte das vezes não enganam, esta comparação é no mínimo extravagante. No segundo caso Descartes, considerando a vida de sonho, torna essa comparação possível, apenas fazendo ressalva: a de que algumas vezes as mesmas coisas que são representadas pelos insensatos em vigília são representadas para mim com menos verossimilhança. Cf. LEISON 2012, p.83

²⁷ Recém Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais em cotutela com a Uinversité Paris I – Panthéon Sorbonne. Professora adjunta da Universidade Federal do mato grosso do Sul. Email: maria.borba@ufms.br. Cf. SOUSA, 2016, p. 146

²⁸ Idem.

Quantas vezes aconteceu-me sonhar, á noite, que estava neste lugar, que estava vestido, que estava junto ao fogo, embora estivesse todo nu em minha cama? Parece-me presentemente que não é como os olhos adormecidos que olho este papel, que está cabeça que remexo não está dormente, que é com desígnio e proposito deliberado que estendo esta mão e que a sinto: o que acontece no sono não aparece tão claro e tão distinto quanto tudo isto. Mas, pensando nisso cuidadosamente, lembro-me de ter sido frequentemente engando, quando dormia, por semelhantes ilusões. E, detendo-me nesse pensamento, vejo tão manifestamente que não há indícios concludentes nem marcas bastante certas por onde se possa distinguir nitidamente a vigília do sono, que fico muito espantado, e meu espanto é tal que é quase capaz de persuadir-me de que eu durmo (DESCARTES, 2005, p.32-33).

Aqui é possível perceber o nível de dúvida que Descartes queria delinear com a dúvida. Então ele supõe que poderíamos estar dormindo, e que nestes sonhos costumam vir algumas representações que parecem, naquele momento, muito reais, mas quando acordado nota-se que tudo não passou apenas de um sonho. Neste aspecto, quem pode garantir que não estou, eu, dormindo neste momento? Tudo que vejo, que sinto, que experimento não passa apenas de um sonho? Então, tomando os argumentos dos sentidos e dos sonhos pode se duvidar da existência das coisas e até do próprio corpo, já que poderia estar sonhando e assim as coisas serem apenas ilusões dos sonhos. Mas como essas sensações aparecem nos sonhos? Skirry acredita que essas sensações ou visões que os sonhos nos proporcionam não ocorre devido a relação dos órgãos sensoriais com os objetos físicos, mas está relacionada a imaginação:

Isso porque as imagens sensoriais presentes nos sonhos não são sensações reais causadas por objetos físicos efetivos, mas meras ficções mentais. Isto é, a mente apresenta-nos imagens que acreditamos resultarem da interação de nossos órgãos sensoriais com objetos físicos, quando na verdade resultam de nossa própria imaginação (SKIRRY, 2010, p. 43).

Ora, o homem dorme. Quando ele adormece, geralmente sonha. Esse sonho pode colocar o homem em qualquer lugar, fazendo qualquer coisa. Mas, quando acorda ele vê que não era verdade o que outrora tinha visto ou sentido no sonho, pois tudo partiu da imaginação. Descartes começa a investigar os sonhos. Ora, nos sonhos ele diz que pode ter sido enganado por tais ilusões e sendo essas ilusões incapazes de garantir a real certeza do que se está vendo ou sentido naquele momento. Na *Meditação* primeira ele diz:

Suponhamos então, agora, que estamos adormecidos e que todas particularidades, a saber, que abrimos os olhos, que remexemos a cabeça,

que estendemos as mãos, e coisas semelhantes, são apenas falsas ilusões; e pensemos que talvez nossas mãos, e também todo nosso corpo, não são tais como vemos. Todavia, há que confessar, pelo menos, que as coisas que nos são representadas no sono são como quadros e pinturas, que só podem ser formadas à semelhança de algo real e verdadeiro; e que, assim, pelo menos essas coisas gerais, a saber, os olhos, uma cabeça, mãos e todo resto do corpo, não são coisas imaginárias, mas verdadeiras e existentes (DESCARTES, 2005, p.33).

Embora esteja sonhando, é possível que alguns desses sonhos representem a realidade, ou seja, que em algum determinado sonho eu esteja vendo algo que corresponda com a realidade. Pois como diz Descartes: “os pintores só podem fazer suas artes partindo de algo que já exista, não podendo criar naturezas totalmente novas sem que haja uma mistura do que se já conhece, por exemplo: as sereias, os sátiros” (2005, p.33). No sonho não é diferente. As ilustrações que permeiam os sonhos partem de algo que já existe. O que Descartes quer demonstrar com esse argumento é que o mundo talvez não exista, que não haja uma realidade, que tudo seja apenas uma verdadeira ilusão. Sobre isto, diz:

“Descartes afirma não a simples possibilidade de nossas representações não corresponderem à realidade, mas a possibilidade de que não exista uma realidade, de que a vida não passe de uma ilusão, de que nenhuma de nossas representações corresponda à realidade pelo simples fato de não existir realidade, de não haver mundo exterior, de que tudo esteja apenas em nossas mente. (SOUZA, 2016, p.149)

Neste caso, não teria nem uma evidência que poderia assegurá-lo de algo claro e distinto no sono. Por isso existe a dificuldade de distinguir a vigília do sono. Não dá pra saber se estamos acordados ou dormindo. Da mesma forma, as percepções pudessem ser verdadeiras quando na verdade seriam falsas, como afirma Skirry (2010, p.43): “Daí, a incapacidade de distinguir a vigília do sono levanta a possibilidade de que não haja experiências sensoriais verdadeiras, mas ser na verdade falsas.” A cada eliminação de crenças Descartes percebe a necessidade de continuar a duvidar.

Porém, no sonho, existe a possibilidade de verdades matemáticas e geométricas, que nem mesmo no sonho pode ser distorcida, como o próprio Descartes afirma: “Pois, esteja eu acordado ou dormindo, dois e três juntos sempre formarão o número cinco e o quadrado nunca terá mais que quatro lados; e não me parece possível que verdades tão aparentes possam ser suspeitas de alguma falsidade ou incerteza” (DESCARTES, 2005, p.35). E, por

isso a investigação deve continuar²⁹. O sonho, bem como nos sentidos, é possível notar que ao mesmo tempo que não podemos confiar devido a existência da dúvida³⁰, existe verdades que são confiáveis e seria de forma não lúcida negar tais verdades. Pois algumas coisas que percebo podem ser que sejam derivadas do real. Então é preciso de outra análise para explicar o porquê das verdades matemáticas serem sempre verdadeiras. Neste sentido, esse é o momento em que Descartes se pergunta: não haveria uma Deus que estaria por traz dessas ilusões, incluído até as verdades matemáticas, que nos faria ver tal como são? Desta forma, o próximo passo da dúvida é a hipótese do gênio maligno.

3.1.3 Argumento do gênio maligno

Agora a dúvida será levada ao extremo com a suposição da existência de um Deus enganador³¹, como afirma Skirry:

O cenário para colocar essas crenças em dúvida começa com a crença de que há um Deus que o criou tal como é e de que ele não tem como dizer se Deus o está ou não iludido para crer que a terra, o céu e as coisas materiais se estendem em três dimensões e que seu tamanho, formato e localização existem quando de fato tudo isso é irreal. Portanto, crenças baseadas nas sensações defrontam-se com dois cenários de dúvida: um é o argumento do sonho, e, outro, a possibilidade de que Deus o esteja iludido de modo a equivocar-se automaticamente quando à existência dos objetos físicos (SKIRRY, 2010, p.44).

Agora até as verdades matemáticas serão colocadas à prova. Pois, ele apresenta agora uma certa opinião sobre um Deus que dotado de suas forças sobrenaturais estaria por trás de toda enganação, logo Descartes suspeita que esse Deus seria o responsável pelos enganos que os sentidos e os sonhos produzem; na primeira *Meditação* ele argumenta:

Todavia, há muito tempo tenho em meu espírito certa opinião de que há um Deus que tudo pode e por quem fui criado e produzido tal como sou. Ora, quem pode me assegurar que esse Deus não tenha feito com que não haja nem nenhuma terra, nenhum céu, nenhum corpo extenso, nenhuma figura, nenhuma grandeza, nenhum lugar, e que não obstante eu tenha os sentimentos de todas essas coisas, e que tudo isso não me pareça existir de

²⁹ Embora o segundo nível da dúvida encontra seu limite na impossibilidade de duvidar das verdades matemáticas, a dúvida cartesiana somente estará plenamente universalizada no terceiro nível: aquele que tem princípio metafísico. Este princípio que permitirá posteriormente a solução para o problema do mundo exterior. Cf. LEISON 2012 p.84

³⁰ Na medida em que o meditador pode se enganar às vezes (em relação às coisas, pouco sensíveis e muito distante) esta dúvida é suficiente para invalidar a certeza absoluta nessas coisas. Cf. LEISON 2012 p. 82

³¹ Até o argumento do Deus enganador, portanto, o que Descartes faz é levantar suspeitas contra a validade de nossas crenças na verdade das coisas. Cf. Forlin 2004 p.29

modo diferente do que vejo? E até, como por vezes julgo que os outros se equivocam, mesmo nas coisas que pensam saber com a maior certeza, pode ocorrer que ele tenha querido que eu me engane todas as vezes que faço a adição de dois e três, ou que enumero os lados de um quadrado [...] (DESCARTES, 2005, p.35-36).

Aqui, Descartes demonstra que tudo para existir não passa de uma simples vontade de um Deus, que sendo poderoso pode enganar e fazê-lo acreditar nessas falsas crenças de que o mundo existe, que as verdades matemáticas sempre tenham erros etc. Skirry afirma: “talvez Deus o tenha feito de tal modo que ele sempre erre quando somar dois e três. Se é esse o caso, então mesmo tais crenças matemáticas simples são duvidosas, de modo que pode também considerá-las falsas” (SKIRRY 2010, p. 44). No entanto, o conceito de Deus em Descartes é de que ele é infinitamente poderoso, infinitamente bom, logo se Deus é infinitamente bom, como pode ele enganar? Há não ser que seja da vontade dele, mas, seria contraditório, pois enganar é uma espécie de imperfeição³².

Então, Descartes supõe que não haja um Deus verdadeiro³³, mas que no lugar exista um gênio maligno, que esteja por trás de todas essas enganações que eu penso ser reais. Descartes precisou negar a existência do Deus criador, pois segundo ele, essa potência de enganar não cabe a Deus, como ele mesmo afirma:

Suporei, pois, que há não um verdadeiro Deus, que é a soberana fonte de verdade, mas certo gênio maligno, não menos astuto e enganador que poderoso, que empregou toda sua indústria em enganar-me. Pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons e todas as coisas exteriores que vemos não passam de ilusões e enganos de que serve para surpreender minha credulidade (DESCARTES, 2005, p.38).

Para Descartes, poderia existir um gênio maligno do qual empenha-se em enganar, fazendo com que essas verdades que ocorre no sonho e acordado sejam apenas ilusões geradas para iludir o homem. Pois sendo ele poderoso, então pode colocar em nossa mente as ideias que ele bem desejar, fazendo com que tomássemos como evidências as maiores incoerências que possamos imaginar, como por exemplo: fazer-nos acreditar que dois mais dois são quatro, ou ainda que um quadrado tenha quatro lados quando teria apenas três.

³² Razões fortes obrigam Descartes a suspender o juízo sobre tais pensamentos: uma vez que seu desejo é encontrar algo seguro e constante nas ciências, Descartes deve não dar crédito as coisas que parecem evidentemente falsas. Se a condição necessária da soberania da bondade de Deus não é suficiente para validar a certeza em sua existência, a condição necessária da perfeição de Deus somada a esta é, pois, suficiente. Cf. LEISON 2012, p. 85

³³ Cf. Skirry 2010 p.44

Então, Descartes começa a se desfazer das ideias que tem do seu corpo, mas que está sobre as ilusões desse tal gênio maligno, como ele afirma:

Considerarei a mim mesmo como não tendo mãos, nem olhos, nem carne, nem sangue, como não tendo nem um sentido, mas crendo falsamente ter todas essas coisas. Permanecerei obstinadamente apegado a esse pensamento; e se, por esse meio, não está no meu poder alcançar o conhecimento de algum de verdade, pela menos está em meu poder suspender meu juízo. Eis por que me guardarei cuidadosamente de receber em mina crença qualquer falsidade, e preparei tão bem meu espírito para todas as astúcias desse grande enganador que, por mais poderoso e astuto que seja, jamais poderá impor-me nada (DESCARTES, 2005, p.38).

A função do gênio maligno é empenhar-se em enganar-me, fazer com que eu acredite que as experiências que o envolve seria tudo ilusão, e assim podendo o colocar falsas ideias da existência do seu corpo e do mundo exterior, ou seja, tudo que Descartes julgar saber não passará de ilusão. Segundo Leison³⁴:

De acordo com esta suposição todas as coisas exteriores ao eu mesmo que medita (céu, o ar, a terra, etc.) assim como o corpo deste eu (as mãos, os olhos, a carne, etc.) seriam, então, ilusões e enganos atribuídos por este deus. Se através dessa dúvida não pode chegar ao conhecimento de alguma verdade, ao menos está em no poder do meditador suspender o juízo em relação a todas as opiniões. Prepara-se assim um o espírito para não receber nenhuma falsidade imposta pelo gênio maligno (LEISON, 2012 p.86).

O autor Cláudio Costa, em sua obra *Uma introdução contemporânea à filosofia*, exemplifica a hipótese do gênio maligno, fazendo uma comparação interessante, ele diz:

Uma versão atualizada disso é a suposição que posso fazer de que eu seja um cérebro em uma cuba, com todos os feixes neuronais aferentes e eferentes ligados a um supercomputador, que produz em mim uma continua e coerente ilusão de toda realidade externa, por exemplo, a ilusão de que agora eu tenho diante de mim um PC, de eu possuo duas mãos, de que conheço outras pessoas semelhantes a mim, de que vivi minha infância em um certo lugar etc (COSTA, 2002, p.72).

Com essa comparação fica claro que a hipótese do Deus enganador coloca incertezas em tudo que conhecemos e não pode saber se realmente alguma coisa existe, ou que não haja nada de certo no mundo. Através dessa hipótese, juntamente com a do sonho, Descartes

³⁴ Graduando em psicologia pelo centro Universitário Franciscano, em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria. Possui Pós-graduação (mestrado) em filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: jelesimao@gmail.com

chegar à conclusão de que, seja nas verdades que os sentidos nos oferecem ou nas verdades matemáticas, todas são falsas, pois estão cheias de dúvidas³⁵, como afirma Skirry:

Então, no fim da primeira meditação, ele considera falsas todas as crenças baseadas na sensação e no raciocínio matemático, porque o argumento do sonho e a hipótese de um Deus enganador mostraram que todas essas crenças têm algum elemento de dúvida (SKIRRY, 2010, p.45).

O intuito de Descartes ao propor esse argumento, segundo Forlin, “é reforçar as suspeitas contra a validade das nossas crenças na verdade das coisas”.³⁶ Então o objetivo de Descartes é saber se existe alguma evidência que fosse capaz de superar todas as etapas do método.

3.1.4 A primeira verdade alcançada através da dúvida.

As regras do método são usadas por Descartes para estabelecer a dúvida hiperbólica e assim chegar na verdade do cogito. Sendo assim, se olharmos para a prática do seu método apresentado por descartes na obra *Meditações Metafísicas* é possível ver a clareza de que cada etapa vai mostrando sua importância e o porquê de cada uma ser falha dessas etapas na busca do conhecimento. Veja que essas falhas são importantes para o crescimento da dúvida e assim se aproximar cada vez mais de algo, se realmente existe alguma coisa, como afirma Benvenutti:³⁷

a partir do trajeto exposto acima, observamos que o projeto cartesiano pretende, mas do que duvidar de todas as coisas do mundo, pretende encontrar uma certeza no mundo. Assim, a tarefa da *Meditação* segunda será de estabelecer do que se trata a natureza do espírito humano, bem como buscará provar que tal natureza espiritual é mais fácil de conhecer do que o corpo (BENVENUTTI, 2009, p.139).

O caminho que Descartes percorreu, até aqui, foi de não permitir ser posta em sua razão qualquer juízo que fosse duvidoso. Em uma análise feita minuciosamente de cada possibilidade, com o seu método, ele se desfez de tudo que outrora tinha sido considerado com alguma veracidade, pois estavam cheias de dúvidas. Sendo assim, ele passou por

³⁵ É importante lembrar o porquê de se duvidar. A dúvida é portanto, precisamente uma suspeita que se levanta contra uma crença, opinião ou teoria, afim de provocar o estado da dúvida. Cf FORLIN, 2004, p.29

³⁶ Cf FORLIN 2004 p.29

³⁷ Aluna do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu, mestrado em Filosofia (Área de Concentração: Filosofia da Mente, epistemologia e lógica), do centro de Pós-graduação da Universidade Estadual Paulista Júlia de Mesquita Filho, Campus de Marília, sob orientação do Prof. Dr. Jonas Gonçalves Coelho. Email: eloisabenvenutti@hotmail.com

desconsiderar as verdades advindas dos sentidos. Pois eles são enganosos, desconsiderou as verdades matemáticas, pois podiam ser tal como são pela vontade de um ser poderoso. E, universalizando essa dúvida chega a desconsiderar a existência de um Deus, e assim supõe que exista um gênio maligno que o faça ver como tal, mas que não passa de ilusão.

Descartes começa se voltar para a dúvida, pois ele começa a se questionar como é que ele saberia que não existiria nada de certo no mundo? Ou seja, com que eu posso garantir que todas essas coisas estão incertas, já que não existe nada de certo no mundo? Como ele explica na sua obra *Meditações Metafísicas*:

Mas como é que sei se não há alguma outra coisa diferente daquelas que acabo de julgar incertas, da qual não se possa ter a menor dúvida? Não há algum Deus, ou alguma outra potência, que me ponha no espírito esses pensamentos? Isso não é necessário; pois talvez eu seja capaz de produzi-los por mim mesmo. Eu então, pelo menos, não sou algo? Mas já neguei que tivesse algum sentido ou algum corpo. Hesito, não obstante, pois o que resulta disso? Sou de tal forma dependente do corpo e dos sentidos que não posso existir sem eles? Mas persuadi-me de que não havia absolutamente nada no mundo, de que não havia nem um céu, nenhuma terra, nenhum espírito, nenhum corpo; então não me persuadir também que eu não existia? Decerto não, eu existia sem dúvida, se me persuadi ou se somente pensei algo (DESCARTES, 2005, p.42).

Neste ponto Descartes deixa claro que até o próprio ato de duvidar foi analisado. Nota-se que Descartes não estava a fim de deixar nem uma possibilidade de erro. Descartes volta ao processo que ele criou e ao ver que tem algo que vai clareando, que é justamente o fato de que tudo que ele pôs em dúvida de fato poderia ser irreal partindo do pressuposto dos argumentos, mas o que o faz duvidar? Então Descartes chega a sua primeira verdade alcançada pelo método que ele propôs, como ele bem explica na segunda *Meditação*:

Mas há um ser qual enganador muito potente e muito astuto, que emprega toda sua indústria em enganar-me sempre. Não há dúvida, então de eu sou, se ele me engana; e que me engane o quanto quiser, jamais poderá fazer com que eu não seja nada, enquanto eu pensar ser alguma coisa. De sorte que, após ter pensando bem nisso e ter cuidadosamente examinado todas as coisas, é preciso enfim concluir e ter por constante que esta proposição, *Eu sou, eu existo*, é necessariamente verdadeira todas as vezes que pronuncio ou que a concebo em meu espírito (DESCARTES, 2005, p.42-43).

Após voltar todo processo, Descartes percebeu que ao duvidar recebia a garantia de que ele existia, pois pra duvidar é necessário que antes seja alguma coisa. Essa coisa, para ele,

é uma coisa pensante e por isso a célebre frase dele: “Penso, logo existo³⁸”, pois para Descartes a existência está justamente no ato de pensar, já que todas as outras coisas são incertas. A única certeza que tenho é a certeza do meu pensamento. Portanto, ao final do exercício da dúvida, nasceu o que Cartesius considera como “primeiro princípio da filosofia”. Ao estabelecer o *cogito*³⁹, Descarte não vê nem um motivo que pudesse contestar essa certeza que é o existir do sujeito, pois não tem como negar que para duvidar de alguma coisa primeiramente se deve existir.

Então a base da filosofia Cartesiana é o *cogito* do qual nascerá outras verdades, como afirma Skirry: “Como uma raiz de uma árvore são o que primeira brota da semente, as raízes da filosofia de Descartes, ou seja, sua metafísica brota também deste princípio último ou primeiro.” Além disso, Descartes percebe que o pensamento é independente de qualquer coisa, até mesmo do corpo, já que todas as coisas foram negadas e dentro dessa negação o que ficou como verdade foi o pensamento. E, o pensamento³⁹ é a condição para se chegar a certeza da própria existência.

Embora se tenha chegado a conclusão do trabalho feito pelo método cartesiano, sendo guiado pela razão, a dúvida terá outro importante papel. O outro papel será de analisar essas ideias que estão no seu espírito, pois o pensamento é considerado como certo, mas as outras ideias, sendo elas verdades ou não, precisa-se saber de onde elas veem. Pois bem, é possível perceber a independência do pensamento, mas até que ponto o pensamento pode garantir a verdade? E o que causa o pensamento? No próximo capítulo será refletida a ideia de Deus como garantia da verdade. Vale ressaltar que a ideia de Deus é diferente da ideia dos medievais, já que Descartes propôs um método diferente para se chegar ao conhecimento. Então, pressupõe-se que Deus tem um papel diferente do que se tinha na idade média.

³⁸ Cf. DESCARTES 1997 p.46

³⁹ O autor assinala que o termo pensamento é sempre uma atividade intencional e contém tudo que o homem possui dentro si, de modo que seja prontamente cociente dele. As intervenções da vontade, o entendimento, a imaginação, e certamente os sentidos são faculdades exercidas pelo pensamento. Ou seja, a consciência do pensamento é tudo que há no homem e pode ser percebido por ele mesmo. MENDONÇA 2015 p.29-30

4.0 DEUS COMO GARANTIA FINAL DA VERDADE.

O método proposto por Descartes é construído sobre um aspecto da evidência e essa evidência é o *cogito*. Então ele chega à conclusão de que o homem é racional. Essa afirmação se dá pelo uso da dúvida que o possibilitou encontrar o primeiro princípio. Descartes precisou duvidar dos sentidos, dos sonhos e até supor a existência de um ser maligno que engoliu todas os outros argumentos, pois seja qual for a dúvida ela poderia ser ilusão feita por este ser maligno. Todavia, o argumento do gênio maligno tem uma falha. Mesmo que fosse verdade, ele poderia enganar de todas as formas, implantar qualquer tipo de informação. Mas de uma coisa ele não poderia enganar, algo que jamais ele poderia negar, que é a existência do *Eu*. Esse “eu” é garantido pelo pensamento. Enquanto eu pensar (eu duvidar) estou sendo alguma coisa. Então Descartes vai seguir o seu método agora para alcançar outros princípios, pois é necessário saber o que sustenta esse pensamento, o que está por trás dele.

Tendo agora uma evidência transparente e livre de todas as dúvidas, Descartes dá continuidade ao seu caminho em busca do saber. Ele procura entender o que é esse “pensamento” e o que garante essa verdade do pensamento. E, para isso, ele continua com seu projeto: a dúvida metódica. Estando mais convicto ainda de que este é o caminho, ele explica no início da terceira *Meditações*:

Agora fecharei os olhos, taparei os ouvidos, distrairei todos as imagens das coisas corporais, ou, pelo menos, porque é difícil fazer isso, eu as reputarei como vãs e falsas; e assim, entretendo-me somente comigo mesmo, e considerando meu interior, tratarei de tornar-me pouco a pouco mais conhecido e mais familiar a mim mesmo (DESCARTES, 2005, p. 57).

Então a jornada da dúvida metódica cartesiano continua, agora para encontra algo que garanta o que ele acabou de conhecer, ou seja, o que o faz ser uma coisa pensante.

Para Descartes, o pensamento⁴⁰ é de fato a essência do eu, o que faz existir, que o faz se afirmar como uma coisa pensante, mas o que seria essa coisa que pensa? “sou uma coisa que pensa, ou seja, que duvida, que afirma, que nega, que conhece poucas coisas [...]” (DESCARTES, 2005, p.57). Essas, portanto, são atividades do pensamento e foram elas mesmas que me fizeram conhecer o que eu sou. Mesmo estando certo de que é alguma coisa, ainda há dúvida em saber o que realmente o faz ser alguma coisa.

⁴⁰ Descartes oscila em relação ao conceito do que seja pensamento, neste caso adotarei como conceito base para o meu trabalho o termo pensamento. Cf. SCRIBANO, 2007, p73

Portanto, a investigação agora é saber o que existe além do pensamento. Caso não exista nada além do pensamento, ou seja, o mundo, as ideias⁴¹, seria tudo sensações do próprio eu. Neste caso, Descartes afirma que “estou certo de que sou uma coisa que pensa; mais então, não sei também o que se requer para deixar-me certo de alguma coisa?” (DESCARTES, 2007, p. 58). Mesmo estando seguro de ser uma coisa que pensa, ela não é suficiente para garantir que outras coisas existam, no caso o mundo exterior, caso ele viesse a ser falso, justamente pelo fato de ele conhecer claro e distintamente⁴² o pensamento, não garante que exista outra coisa além do próprio pensamento. Por isso, há a necessidade de investigar se existe alguma coisa além.

Outrora, como já havíamos discutido, Descartes recebeu vários ensinamentos como verdadeiro, o mesmo que foram colocados ferrenhamente à prova através do seu método. Logo, ele queria saber o que de fato era claro e distinto nessas coisas que foram colocados à prova, pois ele declara que todas as “ideias ou os pensamentos dessas coisas se apresentavam ao seu espírito. E ainda no presente não nego que essas ideias se encontrem em mim” (DESCARTES, 2005, p. 58). A proposta agora, é, portanto, julgar todas as coisas partindo da proposição “*penso, logo existo*” e assim distinguir as proposições verdadeiras das falsas.

O argumento do deus enganador, esse serviu para garantir a verdade do *cogito*, mas Descartes não ver razões para tal existência desse deus enganador, de tal forma que ainda não provou a existência de um outro Deus. Embora essa opinião seja fraca ele vê a importância de acabar com ela totalmente, como ele explica na terceira *Meditação*:

Mas, afim de suprimi-la totalmente, devo examinar se há um Deus, tão logo se apresente a ocasião; e, se achar que o há, devo também examinar se ele pode ser enganador; pois, sem o conhecimento dessas duas verdades, não vejo que possa jamais estar certo de alguma coisa. E, afim de que possa ter a ocasião de examinar isso sem interromper a ordem de meditar que me propus, que é de passar por graus das noções que encontrar primeiro em meu espírito para aquelas que nele poderei encontrar depois, é preciso dividir aqui todos os meus pensamentos em certos gêneros e considerar em quais desses gêneros há propriamente verdade ou erro. (DESCARTES 2005, p. 60)

O caminho que Descartes mostrou até agora segue um crescimento lógico, mesmo tendo encontrado o *cogito*, ele ainda tinha que acabar com qualquer resquícios do argumento

⁴¹ “Entre meus pensamentos, alguns são como imagens das coisas e é apenas a estes que convém o nome de ideias: como quando me represento um homem, ou uma quimera, ou o céu, ou um anjo, ou mesmo Deus” Cf. (DESCARTES, 2005, p.60).

⁴² A denominação “clara e distinta” para ideia e, em geral, para o conhecimento, embora esteja agora indelevelmente associado ao nome de Descartes, não foi inventada por ele. Na escolástica, Duns Scotus já a empregava numa acepção próxima à cartesiana. (Cf SCRIBANO, 2007, p.76).

do gênio maligno e investigar se não haveria um Deus e se ele Deus não era enganador, só assim ele poderia dizer se existia alguma coisa, por isso a importância de examinar a existência ou não dessas duas verdades. Portanto, ele volta ao método e divide o seu pensamento para fazer a análise e assim chegar a uma conclusão. Trabalharemos, no próximo tópico, como ele faz a devida divisão.

4.1 A natureza das ideias

O que ficou de indubitável foi o pensamento, verdade alcançada pela dúvida. Então, cabe agora fazer uma análise dos seus modos. Descartes faz a divisão de três modos, sendo elas: aquelas que são inatas: as que são adventícias; e as factícias: Podemos ver claramente essa divisão em um argumento na terceira *Meditação*, quando ele afirma:

Ora, dessas ideias, umas parecem-me ter nascido comigo, outras me ser estranhas e vir de fora, e as outras feitas e inventadas por mim mesmo. Pois, que eu tenha a faculdade de conceber o que é isso que em geral se nomeia uma coisa, ou uma verdade, ou um pensamento, parece-me que não tenho de outro lugar senão apenas de minha natureza própria⁴³; mas se ouço agora algum ruído, se vejo o sol, se sinto calor, até esta hora julguei que tais sentimentos procediam de algumas coisas que existem fora de mim⁴⁴; e, enfim, parece-me que as sereias, os hipogrifos e todas as outras quimeras semelhantes são ficções e invenções de meu espírito⁴⁵ (DESCARTES, 2005, p.61-62).

Aqui Descartes analisa cada umas dessas ideias que estão presentes no seu pensamento, mas que não sabe ainda qual a origem dessas ideias⁴⁶.

Descartes procurava uma explicação para o que estava além do pensamento, pois o pensamento é o que está intrínseco ao sujeito. Neste caso, o que se procurava saber era se essas ideias, que estavam fora, realmente eram reais. Essas ideias chamam-se adventícias, como explica Skirry: “tais ideias não são sujeitas à vontade, uma vez que ‘as observo mesmo quando não quero: agora, por exemplo, sinto o calor quer queira ou não, e é por isso que penso que essa sensação ou ideia de calor me vem de algo além de mim mesmo’” (SKIRRY, 2010, p.59). Ou seja, essas ideias são o que liga o pensamento e o mundo externo, pois eu não tenho como escolher sentir ou não o calor. Consequentemente, são ideias que chegam até a gente.

⁴⁶ “Mas também, talvez, possa persuadir-me de que todas essas ideias são do gênero das que chamo de estranhas, e que vem, e que vêm de fora, ou então que todas nasceram comigo, ou então que todas foram feitas por mim; pois ainda não descobrir claramente a verdadeira origem.” (Cf. DESCARTES 2005, p.62)

A outra classe de ideias são as factícias. São as ideias que são produzidas por ele mesmo. Assim realça Skirry (2010, p.59): “[...] ideias fabricadas ou inventadas, como as de sereias, hipogrifos, etc., são meras invenções, uma vez que podem ser traduzidas à mente ou descartadas à vontade e seu conteúdo pode ser manipulado”. São ideias que podem ser manipuladas, que podem ser criadas, juntando outras ideias para se formar uma só, como por exemplo: o unicórnio.

As ideias inatas por sua vez são aquelas que nascem do eu, como afirma Skirry: “Inatas são as ideias que se encontram na própria natureza do ‘eu’... mesmo que possam ser traduzidas à mente ou descartadas à vontade, seu conteúdo não pode ser mudado” (SKIRRY, 2010, p. 59). São ideias que estão dentro da própria natureza do eu, as quais já nasceram e devem ter sido colocadas por alguma coisa mais potente, um exemplo de ideia inata é o triângulo:

A ideia de um triângulo, há nela inclusa a necessidade de que a soma de seus ângulos seja igual a 180 graus, o que, contudo, não implica de modo algum em que exista de fato um triângulo no mundo, de tal modo que a natureza inteligível de um triângulo só implica na existência desta mesma natureza inteligível, e nunca, na existência de sua natureza corpórea (NILO; LUIZ, 2013, p. 63).

Logo, ideias inatas não podem ser apagadas ou deixadas de lado, mesmo que não haja nem uma representação no mundo externo, pois essas ideias estão dentro do sujeito, ou seja, do pensamento. Todavia, essas não nasceram do nada. Elas têm uma causa e são colocadas por um ser mais poderoso e perfeito.

Portanto, tendo Descartes apresentando as formas como as ideias se dividem, resta agora, pois, saber quais são as motivações que o obrigam a acreditar nessas ideias. Pois ele se questiona se não estaria persuadido de que essas ideias poderiam vir dele, ou se elas estariam fora dele, ou ainda mais, se não seriam elas criadas por ele. Para isso ele aponta duas razões, sendo uma ensinada pela natureza e outra é as ideias que não dependem de sua vontade. Agora, pois, é saber se essas razões são fortes o suficiente para lhe convencer. Como explica na terceira *Meditação*:

Quando digo que me parece que isso me é ensinado pela natureza, entendo somente, pela palavra natureza, uma certa inclinação que me leva a acreditar nessa coisa, e não em uma luz natural que me faça conhecer que ela é verdadeira. Ora, essas duas coisas diferem muito entre si, pois eu não poderia pôr em dúvida nada do que a luz natural⁴⁷ me faz ver ser verdadeiro,

⁴⁷ Neste aspecto se entende luz natural como pensamento que garantiu a verdade do eu pela dúvida. Cf. DESCARTES, 2005, p.63

assim como há pouco me fez ver que, do fato de eu duvidar, eu podia concluir que eu era. E não tenho em mim nenhuma outra faculdade, ou potência, para distinguir o verdadeiro do falso, que possa ensinar-me que o que essa luz me mostra como verdadeira não é, e em que possa confiar tanto quanto nela. Mas, no que tange às inclinações que me parecem também me serem naturais, notei que frequentemente, quando se tratou de escolher entre as virtudes e os vícios, que elas não me levaram menos ao mal do que ao bem; é porque também não tenho motivo para segui-las tampouco no que diz respeito ao verdadeiro e ao falso. (DESCARTES, 2005, p.63)

Deste modo, Descartes coloca a diferença entre a “natureza” e a luz natural (pensamento) em que o que a “natureza” pode dar como inclinação ao conhecer tal ideia, mas que não dá as mesmas garantias que o pensamento, pois o que a “natureza” coloca como verdade pode ser colocado em dúvida, já a luz natural (pensamento) não, pois dentro dele não teria⁴⁸ nem uma outra potência que fosse capaz de distinguir o falso do verdadeiro. As ideias que parecem vir do mundo externo⁴⁹ não são claras e distintas. Então, não há razões para se crer nas mesmas, como explica Scribano:

Mas eu mesmo poderia possuir uma faculdade que desconheço que provoca aquelas ideias, como acontece no sonho. Deve existir um mundo externo, porque sou levado a crer nisso por alguma inclinação natural. Mas as inclinações não são ideias claras e distintas e, frequentemente, ao segui-las, escolhi o mal e não o bem, e, portanto, elas não são confiáveis na busca da verdade (SCRIBANO, 2007, p. 80).

Ele não confia no que as inclinações naturais mostram como verdade, pois ainda existem dúvidas e é neste ponto que elas se diferem da luz natural (pensamento). Então a outra razão a ser analisada é a de que essas ideias deveriam vir de outro lugar, já que ele coloca como não sendo de sua vontade. De forma que essa outra razão também para ele não é suficiente, pois elas não dependem dele como por exemplo sentir calor e logo depois sentir frio. Descartes supõe se não existira alguma potência que construía essas ideias sem nenhuma ajuda do exterior, mesmo sem ser do seu conhecimento. Uma outra argumentação feita por Descartes com o objeto, mas logo ele desconsidera já que quando ele dorme essas representações sem necessariamente com a ajuda daquele objeto, embora possa haver alguma relação, mas não havia tanta diferença entre o objeto e sua ideia, como ele explica na terceira meditação:

Ao contrário, frequentemente notei, em muitos exemplos, que havia grande diferença entre o objeto e sua ideia. Como, por exemplo, encontro em meu espírito duas ideias de sol totalmente diversas: uma tira sua origem dos sentidos, e deve ser colocada no gênero daquelas que eu disse acima virem

⁴⁸ Uma possibilidade de ter uma potência dentro dele que ainda é desconhecida por ele.

⁴⁹ Porque Descartes ainda não chegou a conclusão da existência do mundo fora do eu.

de for, pela qual ele me parece extremamente pequeno; a outra é tomada das razões da astronomia, isto é, de certas noções nascidas comigo, ou, enfim, é formada por mim mesmo, seja de que maneira for, pela qual ele me parece várias vezes maior do que a terra inteira (DESCARTES, 2005, p. 64).

Nota-se que são duas ideias totalmente diferentes uma da outra. Não dá para afirmar ainda de onde surge essas ideias. De acordo com Descartes, o que lhe faz conhecer essas coisas não é um “juízo certo ou premeditado, mas somente por um cego e temerário impulso, que acreditei que havia coisas fora de mim, e diferentes de meu ser, que, pelos órgãos de meus sentidos ou por algum outro meio que possa existir,....”(DESCARTES, 2005, p.64). Até o momento a busca da origem das ideias cai em fracasso, pois todas pairam sobre a dúvida. Então como garantir que exista algo além do *Eu*?

O caminho que se segue na busca da origem das ideias é o que se busca para a existência de um mundo e na semelhança que desse mundo com as ideias, o que se busca agora é olhar as ideias de outro modo como explica Scribano (2007, p.80) : “ Trata-se então de analisar as ideias sob um ângulo diferente, não mais segundo a sua pretensa origem, mas segundo a sua natureza.”⁵⁰ Descartes procura uma resposta para a existência dessas ideias, essas ideias vão ser sustentadas por Deus como será abordado no próximo tópico.

4.2 O ser perfeito como fundamento da verdade.

A discursão se volta para a existência de um ser perfeito. Ora, como o nada poderia criar alguma coisa? Essa investigação se torna clara quando ele argumenta da seguinte forma:

E daí não somente que o nada não poderia produzir coisa alguma, mas também que o que é mais perfeito, ou seja, que contém em si mais realidade, não pode ser consequência e uma dependência do menos perfeito. E esta verdade não é somente clara e evidente nos efeitos que têm a realidade esta que os filósofos chamam atual e formal⁵¹, mas também nas ideias em que se considera somente a realidade que eles nomeiam objetiva. (DESCARTES, 2005, p.66)

A investigação cartesiana se dá na afirmação de que o nada não deve criar o nada, e que uma coisa que contenha mais realidade não deva vir de algo inferior a ele⁵². Para explicar

⁵⁰ Sobre esse aspecto, conferir a obra de Raul Landim, evidências e verdade no sistema cartesiano, em especial o capítulo sobre a teoria das ideias.

⁵¹ O princípio de causalidade é apresentado por Descartes como um princípio fundamental, tanto que o princípio “do nada não vem nada” é decorrente dele. Cf. SCRIBANO, 2007, p.86

⁵² “Quando o ‘pensante’ se propõe a especular sobre a origem do pensar em algo que seja superior em perfeição à sua natureza, ele se depara com a evidência de que isto lhe tenha advindo de algo que seja mais perfeito que sua própria natureza” Cf. (NILO; LUIZ, 2013, p.62).

de forma mais clara, Descartes usa um exemplo de uma pedra que ainda não tendo existência não poderia simplesmente existir. Sobre isso ele explica da seguinte forma:

A pedra ainda não existiu, não somente não pode agora começar a existir, se não é produzida por uma coisa que possui em si formalmente, ou eminentemente, tudo o que entra na composição da pedra, ou seja, que contenha em si as mesmas coisas ou outras coisas mais excelentes do que aquelas que estão na pedra, e o calor não pode surgir no sujeito que antes era privado dele, a não ser por uma coisa que seja de uma ordem, de um grau ou de um gênero ao menos tão perfeito quanto o calor, e assim por diante. (DESCARTES, 2005, p.66).

Descartes aponta para um princípio de causalidade, pois a origem dessas ideias não vem do nada, explicando que essas ideias só poderiam ter sido colocadas nele por algo que seja mais real que qualquer outra coisa, ou seja, teve uma causa. Logo, quanto mais Descartes investiga essas ideias ele está mais perto da certeza de um ser dotado de perfeição e que seria ele que garantiria a verdade da existência de todas as coisas. Pois se ele conhece uma ideia que seja clara e distinta, mas que não seja ele a causa, e que não se encontra nele, então ele não pode negar que não exista algo fora dele, mas que tenha algo que seja a causa dessas ideias. Tendo Descartes feito uma análise das ideias que possivelmente seria ele o autor delas ou que não participaria dessa criação dessas ideias⁵³, então o que fica é a ideia de Deus que ele considera que não veio dele, Descartes apresenta o que ele entende pelo nome de Deus:

Pelo nome Deus, entendo uma substância infinita, eterna, imutável, independente, onisciente, onipotente, e pela qual eu mesmo, e todas as outras coisas que existem (se é verdade que há coisas que existem) foram criadas e produzidas (DESCARTES, 2005, p. 72).

Essas características são tão grandiosas e muito acima de qualquer outra coisa. E, quanto mais Descartes considera essas características, mais claro fica de se compreender que a origem dessas ideias não deva vir só dele. Esse argumento cartesiano tem por intenção conhecer esse Deus, não em sua plenitude, mas naquele que se alcança pela razão, como diz Lino; Luiz:

O raciocínio que a este se segue no pensamento de Descartes visa conhecer com segurança e certeza a natureza deste ser dotado de todas as perfeições, isto é, Deus. Segundo os seus raciocínios, uma primeira realidade a ser considerada para o conhecimento da natureza de Deus é a distinção real entre a ideia que se tem de uma coisa e esta mesma coisa existindo realmente, ou, para usar seus termos, a distinção real entre a natureza inteligível e a natureza corpórea (LINO; LUIZ, 2013, p.62).

⁵³ Sobre a existências das ideias, para maior aprofundamento deste assunto conferir na obra *Meditações Metafísicas*, na terceira meditação.

De forma que, o próximo passo é concluir que Deus existe, pois aqui já se tem a natureza de Deus, pois mesmo que essa ideia de Deus não exista na corporeidade, não quer dizer que ela não exista ou que não seja clara e distinta, logo essa natureza inteligível é indubitável, então Descartes conclui que Deus existe, como ele explica na terceira meditações:

E, por conseguinte, é preciso necessariamente, concluir de tudo o que disse anteriormente que Deus existe; pois, ainda que a ideia da substância esteja em mim esteja em mim, pelo próprio fato de eu ser uma substância, eu não teria, contudo, a ideia de uma substância infinita, eu que sou um ser finito, se ela não tivesse sido posta em mim por alguma substância que fosse verdadeiramente infinita (DESCARTES, 2005, p.72).

Portanto, essa é a primeira prova da existência de Deus, partindo do princípio de causalidade⁵⁴. Ora, se está em mim uma ideia (perfeição) que eu não seja a causa dela, então deve existir alguma coisa que seja essa causa desta ideia. Desta maneira, Descartes conclui que Deus é a causa dessa ideia. O que Descartes argumenta é que, como ele poderia conhecer algo imperfeito, se ele já não tivesse essa ideia de perfeito dentro dele? Pois pra dizer que algo é imperfeito então ele deve conhecer a ideia de perfeição. Mas como um ser imperfeito pode gerar uma ideia de perfeição? Segundo Descartes, não pode. Então ele conclui que essa ideia de perfeição foi colocada por Deus que é o ser perfeito.

Mas como garantir que essa verdade, que Deus existe, não seja falsa? A essa questão Descartes dá a seguinte resposta na terceira *Meditação Metafísica*:

E não se pode dizer que talvez essa ideia de Deus seja materialmente falsa, e que, por conseguinte, posso tê-la do nada, ou seja, que ela possa estar em mim porque tenho defeito, como disse mais a cima das ideias do calor e do frio e de outras coisas semelhantes; pois, ao contrário, sendo essa ideia muito clara e muito distinta e contendo em si mais realidade objetiva do que qualquer outra, não há nenhuma que seja por si mais verdadeira nem que possa ser menos suspeita de erro e de falsidade (DESCARTES, 2005, p.73).

A ideia de Deus não é falsa segundo Descartes, considera a ideia de Deus mais clara e distinta que qualquer outra, pois uma ideia pra ser falsa deve ser uma ideia que fosse confusa e indistinta, a essa resposta Scribano apresenta dois argumentos que esclarece essa ideia. Ele explica da seguinte forma: “[...] a ideia de Deus é clara e distinta – aliás, mais clara e distinta que as outras–, porque tudo que é conhecido como perfeito como perfeito de modo claro e

⁵⁴ É importante lembrar que existe outras vias que Descartes prova a existência de Deus, deste modo para maior aprofundamento conferir a obra *Meditações metafísicas*, terceira meditação, e a obra guia para a leitura das *Meditações metafísicas* de Descartes, do autor Emanuela Scribano, no capítulo terceiro da obra.

distinto é atribuído a Deus, portanto Deus, enquanto perfeitíssimo, é a fonte de todas as ideias claras e distintas” (SCRIBANO, 2007, p.90). Tendo descartado a possibilidade da falsidade da ideia de Deus, o próximo passo a ser buscado por Descartes é de colocar Deus como aquele que garante à verdade.

Descartes conclui que todas as ideias que tivesse o caráter de verdade teriam o seu fundamento em Deus, como ele explica na terceira *Meditação Metafísica*: “Esta mesma é também muito clara e muito distinta, porquanto tudo o que meu espírito concebe clara e distintamente de real e de verdadeiro, e que contém em si alguma perfeição, está contido e encerrado por inteiro nessa ideia” (DESCARTES, 2005, p. 73). Se encontra em Deus o sentido da existência de tudo que possa ser considerado claro e distinto, mesmo sem compreender o infinito e ainda que não o possa atingir, pois a minha natureza é infinita e ilimitada.

No *Discurso do Método* Descartes deixar mais claro ainda que Deus é que estabelece essa garantia da verdade, como ele explica: “...se havia alguns corpos no mundo, ou então algumas inteligências, ou outras naturezas, que não fossem inteiramente perfeitos, o seu ser devia depender do poder de Deus, de tal sorte que não pudesse subsistir sem ele um só momento” (DESCARTES, 1987, p. 48). Portanto, Deus é apontado como criador e que nele se sustenta toda a existência do sujeito, o que está dentro dele, ou seja, a razão e o que está fora dele. Mesmo sendo um ser finito o pouco que conheço de Deus, que é ser infinito, já é o bastante.

Foi visto que a origem da ideia de Deus é alcançada por afastamento de outras origens prováveis. Portanto, a ideia de Deus nasceu com ele, como uma forma de mostrar que o seu ser participa da ideia de Deus, do seu criador, como ele explica na terceira *Meditações metafísicas*,

E, por certo, não se deve achar estranho que Deus, ao criar-me, tenha posto em mim essa ideia para ser como a marca do operário impressa em sua obra; e não é também necessário que essa marca seja algo tão diferente dessa mesma obra. Mas, só pelo fato de que Deus me criou, é muito crível que ele me tenha de alguma produzido de imagem e semelhança, e que eu conceba essa semelhança (na qual a ideia de Deus se acha contida) pela mesma faculdade pela qual concebo a mim mesmo (DESCARTES, 2005, p. 81).

Descartes apresenta o sujeito que seria imagem do seu criador. Vale ressaltar que embora Deus tenha colocado sua marca na sua criação ela não se torna perfeita quanto ele.

Descartes faz uma indicação para que a criatura criada possa se deter um certo tempo para a contemplação do seu criador, ele encerra terceira Meditação com um belo texto sobre Deus.⁵⁵

O propósito de encontrar a existência de Deus foi concluída, como também da sua veracidade, sendo, pois, clara e distinta. Então agora Descartes vai investigar sobre a garantia da verdade. Anteriormente foi apresentado o conceito de Deus, partindo desse conceito apresentado por Descartes, uma das características de Deus é a bondade, então essa característica o impede de enganar, como explica Descartes na quarta *Meditação Metafísica*:

Pois, primeiramente, reconheço que é impossível que alguma vez ele me engane, porquanto em toda fraude e engano encontra-se algum tipo de imperfeição. E, embora pareça que pode enganar seja um sinal de sutileza, ou de potência, todavia, querer enganar testemunha fraqueza ou malícia. E, portanto, isso não pode encontra-se em Deus (DESCARTES, 2005, p. 84).

Logo, Deus não poderia enganar. Isso comprometeria a sua bondade, e demonstraria fraqueza, o tornaria imperfeito. A questão de Descartes sobre o erro ou enganação é demonstra que essas imperfeições não autorizam colocar a verdade de Deus em dúvida, já que foi provada ser clara e distinta. Então como explicar o erro? Descartes explica da seguinte forma:

Assim conheço que o erro, enquanto tal, não é algo real que depende de Deus, mas que é somente um defeito; e, portanto, que não preciso, para falhar, de alguma potência que me tenha sido dada por Deus particularmente para esse efeito, mas que acontece que eu me engane, pelo fato de que a potência que Deus me deu para discernir o verdadeiro do falso não é em mim infinita (DESCARTES, 2005, p.85-86).

Descartes, tira de Deus a responsabilidade do erro, pois o erro não faz parte da essência de Deus. E assim ele coloca essa responsabilidade do discernimento no sujeito de forma imperfeita. Segundo Descartes, Deus colocou no homem potências de conhecimento e outra que se refere a escolha sendo ligada à vontade e, portanto, o erro está na escolha que o sujeito faz.

É importante perceber que a importância do estabelecimento da verdade está tanto no sujeito que é imperfeito, quando em Deus que é ser perfeito, pois é sobre os dois que se fundamenta a verdade, como explica Lino; Luiz:

Há, de fato, no pensamento cartesiano, duas verdades fundamentais, isto é, dois axiomas sobre os quais se fundamenta a verdade: o sujeito pensante e o Ser perfeito. Não se deve, entretanto, pretender que um deles se faça

⁵⁵ Cf. DESCARTES, 2005, p. 82

sobressair sobre o outro. É por isto que não se pode afirmar que a figura de Deus tenha sido implantada por Descartes em seu sistema filosófico como um mero recurso ou aparato que não tenha outra finalidade senão dar coerência a seu discurso, garantindo a existência da realidade material. Por outro lado, não se pode negar a crucial importância do sujeito pensante para seu sistema metafísico. (LINO; LUIZ, 2013, p.64)

Deus não aparece na filosofia cartesiana somente como uma garantia da verdade, pois como o próprio pensador encerra a terceira meditação, com um belo texto, que demonstra a grandeza de Deus e que no qual ele se coloca a contemplar esse Deus e suas belezas. E sendo o ele criado por Deus é nele que se realiza essa verdade, daí sua importância na concretude da verdade. Então cada um garante sua verdade de acordo com o que lhe cabe, sobre essa questão se tem a seguinte afirmação:

A verdade que o sujeito garante é uma verdade lógica, que se aproxima do sujeito do conhecimento, e, portanto, se diz como verdade subjetiva ou certeza. Por sua vez, a verdade que se baseia no Ser perfeito é uma verdade ontológica, que se aproxima do objeto do conhecimento, e, portanto, se diz como verdade objetiva ou realidade, que se relaciona diretamente com o ser; aquela com o conhecer (LINO; LUIZ, 2013, p. 64).

Dessa forma, a verdade do ser finito com a verdade do ser infinito não se detém apenas para estabelecer outras verdades, mas a relação de ambas faz com que se concretizem uma na outra.

Tendo em vista que Deus deu ao sujeito essa liberdade de julgar através da razão, não teria ele culpa no que tange ao erro que o sujeito comete? A essa pergunta, Descartes responde da seguinte forma:

pois de fato não é uma imperfeição em Deus ele ter me dado a liberdade de dar meu juízo, ou de não o dar, sobre certas coisas cujo conhecimento claro e distinto ele não pôs em meu entendimento; mas sem dúvida é uma imperfeição em mim que eu não use bem e que dê temerariamente o meu juízo sobre coisas que concebo apenas com obscuridade e confusão (DESCARTES, 2005, p. 94),

O erro independe de Deus, pois o erro está ligado a finitude do homem e do mal-uso do julgar o certo do errado. Deus é, portanto, o fundamento da verdade, onde todas as coisas que se apresentam a mim como clara e distinta tem um sentido em Deus, pois ele é sem dúvidas a razão de ser de todo conhecimento. Então a concepção de Deus em Descartes, como ser perfeito e infinitamente bom o impede de agir contrário a aquilo que o faz ser Deus. Portanto, nesta aceção de Deus não cabe a dúvida, o erro, a enganação. Por isso, quem

5 CONCLUSÃO

René Descartes, compreendeu que tudo que havia recebido como conhecimentos estavam cheios de dúvidas, e que não era capaz de gerar novos conhecimentos. Para ele, os ensinamentos antigos estavam ultrapassados. Daí a explicação dessa postura de Descartes ao apresentar seu método, motivado pelas transformações que ocorrem no século XVII. Por exemplo, as inovações científicas, a igreja tendo que fazer uma contrarreforma na luta contra o protestantismo, entre outros. Nesta época já se começava a seguir por vias que levassem o conhecimento a um grande desenvolvimento que transformou a história da humanidade.

Desta forma, podemos concluir que para compreender o caminho proposto por Descartes, caminho de superação, foi preciso desenvolver um método. Esse método, guiado pela razão, conseguiu chegar em uma verdade universal: “penso, logo existo”. Para tanto, foi preciso demonstrar como esse método foi colocado na prática, para então chegar nessa universalização da verdade. Esta pesquisa permitiu compreender os motivos que levaram Descartes a inserir a razão no contexto do conhecimento, substituindo a fé, pois foi possível observar que a fé não foi suficiente para guiá-lo para a evidência primeira. Pois para Descartes a razão se sobressai a fé, porque a razão é capaz de garantir um conhecimento mais puro, sem dúvida.

De modo que, Descartes não nega a existência de Deus, mesmo sendo a razão o meio de se alcançar o conhecimento. Em resumo, Descartes colocou em Deus a responsabilidade de garantir esse conhecimento, pois o conhecimento nasce de uma causa primeira e essa causa é criada por Deus. É nele que o conhecimento se dá, pois Deus é o criador do sujeito, da razão, das coisas que estão fora do sujeito. Logo tanto o sujeito, que depende de Deus, é importante na concretização da obra do criador, quanto o criador se realiza na sua obra, pois ela dá significado a existência de Deus, ou seja, percebe a existência de Deus, mesmo que Deus não precisasse dessa confirmação.

Em conclusão do trabalho percebemos que essa nova forma de pensar, que é caracterizada por racionalismo, revolucionou a história do conhecimento do homem e, por conseguinte, surge outros pensadores que irão desenvolver e construir outras reflexões sobre a possibilidade do conhecimento.

Trazendo o método cartesiano para atualidade, existe uma influência no que tange à medicina. Pois, o corpo humano é visto como uma máquina a partir da filosofia cartesiana. Ora, essa máquina uma hora precisará de reparos, esses reparos são vistos como doenças.

Neste caso, o método é usado para investigar e tentar buscar respostas para o que acontece dentro do corpo humano. Todavia, não tem como entender o corpo todo de uma vez. Então se divide em partes menores e assim se faz a análise de cada parte do corpo, para depois chegar em uma verdade. Depois pode-se entender todo o mecanismo do corpo e assim poder resolver com mais precisão. Conclui-se que o método proposto por Descartes trouxe, sem dúvidas, grande revolução ao conhecimento e que até hoje se pode contar com as contribuições da filosofia de Descartes para a vida do homem.

REFERÊNCIAS

COSTA, Claudio. **Uma Introdução Contemporânea da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2002

DESCARTES, René. **Meditações metafísicas**. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005

_____. **Discurso do Método**. Tradução de J. Guinsbutg e Bento Prado Junior. 4.ed. São Paulo: Nova Cultura, 1987

_____. **Discurso do Método**. Tradução de Paulo Neves: L&PM, 2013

FORLIN, Enéias. **O papel da dúvida metafísica no processo de construção do cogito**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004

HESSEN, Johannes. **Teoria do Conhecimento**. Tradução Joao Vergílio Gallerani. Cuter. 2.ed.

São Paulo: Martins Fontes, 2003

LANDIM, Raul Filho. **Evidencia e verdade no sistema Cartesiano**. São Paulo: Loyola, 1992

SKIRRY, Justin. **Compreendendo Descartes**. Tradução de Marcus Penchel. Petrópolis, Rio Janeiro: Vozes, 2010

SCRIBANO, Emanuela. **Guia para leitura das Meditações metafísicas de Descartes**. Tradução Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyola, 2007

NILO, Augusto de Oliveira Vilela; LUIZ, Jose Izidoro. Os fundamentos da verdade no pensamento de René Descartes: uma relação à sua época, uma proposta à nossa época. CES, Juiz de Fora, v. 27, n.1, p. 53-71, jan./dez. 2013

BENVENUTTI, Eloísa de Andrade. O projeto epistemológico Cartesiano. **Kínesis**, v.01, p133-149 mar. 2009,

LEISON, Jean Simão. Descartes e o problema do mundo exterior na primeira meditação.
Thaumanzeir, ano v, n.09, Santa Maria, p.80-87 jun. 20125

SOUSA, de Maria Borba. Sobre a originalidade do argumento do sonho cartesiano.
Outramargem. n.4,1, Belo Horizonte, p. 140-158, 2016